

O PASTOR DE TÉCUA

VIDA DO PROFETA AMÓS

José Luiz Gonzaga do Prado

Na apresentação deste livro em sua versão impressa assim escreveu o Pe. José Bortolini:

Acontece com este livro como quando alguém nos convida para um almoço em sua casa. Ao chegar, podemos ir logo entrando pela porta principal, e aguardando lá dentro a hora do almoço. Mas se tivermos tempo poderemos dar uma volta em torno da casa, perceber que lá no fundo há um quintal, uma horta, um pequeno pomar, de onde o dono da casa colheu temperos, verduras e frutas para o almoço.

Depois, entrando pela porta da cozinha, damos uma espiada para ver como a carne foi temperada, como foi preparada a verdura e a salada de frutas; percebemos que tudo está sendo preparado num velho fogão a lenha e admiramos a arte de quem está preparando o almoço. Ao sentarmos à mesa, sabemos já o que nos será servido, de onde veio e como foi preparado. Mas se entrarmos pela porta da frente, tudo será obscuro, apesar de gostoso. E será necessário que alguém nos explique todo o processo pelo qual foi preparado o almoço.

Este livro é assim. Antes de enfrentar o texto de Amós, damos uma volta ao redor da casa, olhamos atentamente o quintal, a horta, o pomar. Entramos pela cozinha e já sentimos o cheiro do que nos será servido.

Várias são as formas de entrarmos em contato com a mensagem dos profetas, e vários são os modos de passar adiante o conteúdo de sua mensagem. Contudo, se não partirmos da situação concreta em que cada um deles viveu, corremos o risco de diminuir a força da denúncia e do anúncio, e acabamos tendo a ideia de que os profetas eram pessoas um tanto alienadas do seu mundo, saudosistas de um ideal passado que já não pode ser atualizado no presente e no futuro. Suas visões, como as de Amós (7,1-9;8,1-3;9,1-4), seriam, então, experiências estranhas de Deus, e mensagens que os profetas transmitem sem nenhuma paixão ou empenho pessoal. Os profetas seriam, então, um instrumento frio. Não encarnariam em si a ira do Deus que não vê, refletindo no povo, o seu projeto de liberdade e vida para todos.

Ao contrário, se tentamos, ainda que de forma fragmentária, inserir os profetas na sua época, descobriremos que são pessoas profundamente envolvidas nas grandes questões sociais do seu tempo. Podemos assim, afirmar que são sociólogos, enquanto vão à raiz das causas que geraram desigualdades e opressão. Mas não são simplesmente sociólogos. São amigos íntimos de Deus, capazes de sentir a mesma paixão e ira divinas por não viverem numa sociedade justa e fraterna, conforme o projeto de Deus. Eles são também teólogos. E suas visões são a experiência do Deus que age na história, fazendo justiça aos oprimidos. Eles se inspiram num ideal do passado a ser encarnado na vida presente do povo.

Amós é considerado o primeiro dos profetas escritores. Homem do campo e comerciante de gado, por contato direto toma conhecimento das injustiças cometidas contra os pequenos. O acúmulo da riqueza em mãos de poucos, à custa da exploração dos pobres e do suborno dos juízes; a falsa segurança e a sensação do bem estar e da paz social; o uso da religião para acobertar os desmandos e servir de suporte aos poderosos; a idolatria dos santuários nacionais, que anesthesiavam a consciência em relação às exigências de justiça e direito; a manipulação de Deus, crendo que a abundância de sacrifícios e celebrações bastariam para agradá-lo e acalmá-lo, e a falsa segurança no Dia do SENHOR, tudo isso se torna um fogo que consome Amós e desperta-lhe os brios, levando-o à ação.

Tal é a intenção de José Luiz Gonzaga do Prado. Procura reconstruir, em forma de romance, a vida de Amós, inserido nos grandes problemas sociais, políticos, religiosos e econômicos do seu tempo. Conhecendo de antemão os problemas e a mensagem do livro de Amós, procura criar situações que despertam a vocação do profeta. Depois, disso, traça um itinerário da missão profética de Amós, fazendo-o pronunciar os oráculos dentro de cada situação concreta.

Não se trata de uma reconstrução que tenha como objetivo apresentar fatos históricos constatáveis na vida do profeta. Contudo, as situações criadas e as informações históricas apresentadas coincidem com a mensagem do profeta.

Por isso, este livro não é um simples romance. É o drama de um povo oprimido e a ira do profeta que não se conforma com tal situação, porque tal situação não representa a vontade de Deus.

Entregamos, pois, ao público brasileiro a presente obra, original enquanto nos leva, antes de ler o texto, a examinar atentamente os fundos da casa e o que se passa no quintal e na cozinha. Talvez seja essa a porta principal quando se trata de enfrentar um texto profético. E desejamos que o leitor possa saborear prazerosamente toda a riqueza que este livro contém.

Pe. José Bortolini

1. DE VOLTA PARA CASA

O pobre camponês estava maravilhado. Agarrado ao seu bordão, olhava embevecido para todos os lados: as enormes colunas como dois guardas à entrada do *Ulam*, o próprio *Ulam*, ou saguão principal, logo adiante a nave do Templo ou *Hecal*, com o imenso altar dos sacrifícios, o altar de bronze e, no fundo do *Hecal*, sete degraus acima do piso do restante do Templo, o secretíssimo e misterioso *Debir*, local da presença de Javé, sentado entre os querubins.

- O SENHOR estava mesmo com Salomão, Ben-Samhá! - falava ele pensando em voz alta - Não estivesse o SENHOR com Salomão, como poderia ele ter feito uma construção tão maravilhosa como este Templo grandioso que estamos vendo? Cada vez que venho a Jerusalém admiro mais tudo isso! Bendito seja o SENHOR, Deus de nossos pais! (Falava voltado para o interior do Templo, olhando fixamente para o *Debir*). Ele fez de nós o primeiro de todos os povos. Deu poder e glória a nossos reis, e não se esquece dos humildes que o procuram em suas aflições. Não deixa cair o cetro das mãos do filho de Davi e socorre a todos os que o invocam. Manifesta sua grandeza no seu Ungido e faz justiça a todos os desamparados!

Levada pelo mesmo entusiasmo, sua esposa sugeriu:

- Amós, vamos fazer do nosso filho um *nazir*!

- Isso mesmo! – confirmou Ben-Samhá – Ele jamais beberá vinho, jamais cortará os cabelos... será um *nazir* perfeito!

Amós voltou à realidade:

- Vamos, temos ainda muito que andar! Hoje nós vamos até Éfrata, aproveitando as horas menos quentes do entardecer. Amanhã bem cedo seguimos, para chegar à nossa casa em tempo de levar as ovelhas a pastar nas montanhas.

- E este menino será um *nazir*! Insistia Ben-Samhá. Quem sabe será também um grande *nabi*!

- Javé é quem chama aqueles que ele quer! – ponderou Amós.

- Mas o SENHOR o chama!

- Não podemos saber! Agora estamos emocionados demais para sabermos de verdade qual é a vontade do SENHOR!

Na praça defronte ao Templo notam um aglomerado. Era alguém que falava para uma roda de pessoas. Aproximam-se para ouvir:

... Omri, e por suas mãos engrandeceu o reino de Israel, fazendo dele o criador de Samaria, a nova capital!

O SENHOR glorificou Jéu, que liderou a revolução e limpou Israel dos inimigos da pátria e da religião!

O SENHOR glorificou Joás, entregando em suas mãos Hazael de Damasco!

O SENHOR glorificou Elias e Eliseu, dando-lhes o seu espírito para anunciarem a palavra de Javé acompanhada de sinais e milagres!

O SENHOR glorifica os profetas, todos aqueles que anunciam ao rei e ao povo os seus oráculos!

O SENHOR glorificou a paz entre Israel e Judá, fazendo Ozias e Jeroboão passarem a viver como irmãos. Jeroboão consolidou a família e o trono de Jéu na segurança e na prosperidade. Do tronco de Davi brotou Ozias...

- Vamos!

- Vamos.

- Amós, parece que você estava gostando de ouvir esse profeta!

- Será um verdadeiro profeta, um *nabi* enviado pelo SENHOR?

- É sim! Eu já vi esse fulano entre os *nebiim*, numa escola profética.

- Então deve ser desses que gostam de falar em nome de Javé, mas não se preocupam muito em ver mesmo o que é que o SENHOR quer...

- Eu não vou discutir mais uma vez com o meu amigo! Mas você gostou, não gostou?

- De três coisas eu gosto e há uma quarta que eu aprecio mais ainda: é ouvir uma pessoa que tem o dom da palavra!

Pelo caminho foram debatendo as sete glórias que o orador exaltava. Entre concordâncias e discrepâncias de menor monta, chegaram à sétima, a mais importante de todas na perspectiva do orador. Amós levantou uma série de questões: Esta paz entre Israel e Judá será mesmo duradoura? Jéu, revolução?

O sangue derramado não poderá recair sobre a cabeça da família de Jéu? Jeroboão é o terceiro assessor de Jéu que se senta no trono arrebatado da família de Omri. Se Omri, o criador de Samaria, aquele que fez Israel tornar-se uma nação respeitada em todo o mundo, só durou três gerações, quem pode garantir que a dinastia de Jéu vai durar muito mais?

- Olhe o muro, Ben-Samhá!

- Que muro? Não estou vendo nada de extraordinário!

- Esta parte nova do muro da cidade! Foi a que Joás de Israel destruiu na guerra contra Amasias.

Dizem que vai desde a Porta do Ângulo até a Porta de Efraim. Ozias agora pôde reconstruir o muro.

- Será esta a paz entre Israel e Judá, que o tal profeta exaltava?

- Amós, você nunca esteve numa “Escola profética”!

- Graças sejam dadas ao SENHOR, nunca!

- Não fale assim! Não sabe o que está perdendo! Quanta gente tem mudado de vida após participar por algum tempo de uma escola profética! Em pouco tempo a pessoa se transforma e passa a viver possuída pelo Espírito de Javé e jamais se esquece dele.

- Não acredito nessas mudanças repentinas! Nem creio que Javé se manifeste assim de um momento para outro, debaixo da força de uma emoção forte, no meio de cânticos e danças.

- Não é bem dança! A gente tem de acompanhar as palavras com gestos que ajudem a empenhar o coração e as vísceras!

- A semente que o lavrador planta não demora a nascer, crescer e produzir frutos? Se você conhece um jeito de fazer a semente brotar, crescer e produzir em três dias, quero que me ensine... Não acredito que a Palavra do SENHOR vá brotar e produzir frutos tão rapidamente também! Prefiro ter o nome de Javé nas mãos e no pensamento, prefiro sofrer para descobrir onde está a sua palavra, e cultivá-la pacientemente, a encher a boca com frases bonitas e sair arrotando por todo o lado o nome de Javé.

- Você que procura sempre o SENHOR só sairia beneficiado desse encontro com os *Bnê-Nebiim*. Tenho certeza de que você pode se tornar um grande *nabi*.

- Não pretendo ganhar a vida com o nome do SENHOR, como alguns fazem! Prefiro viver do trabalho duro da roça, do lidar com ovelhas e com sicômoros. Há gente que se diz um *nabi*, um profeta, mas não transmite a Palavra do SENHOR, fala apenas o que interessa aos grandes e poderosos de quem depende para viver. Isso eu nunca hei de fazer!

- Mas um *nabi* precisa estar sempre denunciando o rei, os ministros, os poderosos? Há muitas outras coisas para dizer! O Espírito de Javé...

- Por isso mesmo prefiro viver calado no meu canto ou, se for preciso, ir até para a prisão como Miquéias de Jemla.

- Parem com essas conversas! – reclamou a mulher, amamentando a criança – Parem de falar de reis e profetas, senão você, Amós, acaba se metendo em complicações. E, depois, quem vai sustentar este menino?

- Mas não podemos esquecer Javé, o nosso Deus, o Deus da verdade e da justiça! Se o SENHOR me fala, como posso ficar calado? Quando vejo alguma coisa de errado, contra o pensamento do SENHOR, sinto como que um fogo dentro de mim. Tenho que falar. E jamais quero deixar de escutar a palavra do SENHOR. Aliás, você, mulher, é que ia se esquecendo...

- Por quê? Só porque não quero que você fique feito um pote de barro comprando briga com os potes de ferro?

- Já se esqueceu do *terafim*?

- Era só para dar sorte!

- Que *terafim*? – perguntou Ben-Samhá.

- Uma mulher de barro. Um pequeno ídolo dos pagãos que ela tinha em casa.

- Mas isso toda mulher casada tem! É para ser feliz no parto! Era uma deusa da fertilidade, mas hoje não passa de objeto comum. É como uma flor de narciso entre os chifres de uma cabra.

- Não lhe falei, Amós? Era só para dar sorte.

- E eu quebrei aquilo, fizemos o voto ao SENHOR e você foi muito mais feliz do que se tivesse conservado aquela abominação em casa!



2. OS PROFETAS

Não se sabe onde ou quando começa a história dos profetas. Quando os hebreus se instalaram na terra de Canaã, já havia lá os profetas carismáticos. Eles se reuniam em grupos que formavam o que se chama uma “escola profética”. Havia um Mestre ou Pai de profetas (Ab-nebiim ou simplesmente Nabi) e os “Bnê-nebiim” (os discípulos de profetas). Eles se isolavam, porque seu comportamento, sua maneira de pensar e agir era diferente: viviam uma experiência que não se podia comunicar em palavras comuns, de uma lógica normal. Só quem participasse da mesma experiência poderia entender. Então, a pessoa tornava-se mais um discípulo de profetas e passava a fazer parte do grupo. Para a massa da população, o comportamento deles era ridículo. O próprio rei Saul, por ter-se deixado tocar certa vez pela experiência profética, passou a ser motivo de constantes caçadas.

A experiência profética consistia em deixar-se levar pela empolgação religiosa e acabar possuído pelo espírito da divindade. O clima para esse estado de transe religioso era criado por orações e cânticos ao ritmo de instrumentos de corda e de percussão que normalmente se sobrepunham às vozes e faziam as palavras perderem sentido. Tomadas pelo ritmo, as pessoas eram possuídas pelo espírito de um Baal (deuses cananeus) ou, entre os de Israel, pelo espírito de Javé. Aí o seu comportamento tornava-se estranho: dançavam, pulavam, cantavam, feriam-se com pedras e até com facas, rasgavam as próprias roupas etc.

Depois de participar de uma experiência dessas, a pessoa não é mais a mesma. Para ela nada no mundo se compara àquela experiência, àquele grau de intimidade alcançado com a divindade. Depois de se embriagar de Deus uma vez, a única coisa que alguém pode fazer é levar outras pessoas a participarem da mesma experiência, a sentirem a mesma empolgação, o mesmo entusiasmo alucinante.



Se isso acontecia com os profetas de Baal, acontecia também com os profetas de Javé. Mas Javé é o Deus da história e não da natureza. Se o profeta de Baal canta e louva o seu deus e, possuído por seu espírito, apenas o invoca e alcança a sua proteção, promovendo curas e outras intervenções na ordem natural, o profeta de Javé, por seu lado, interpreta os acontecimentos, anuncia o desdobramento dos fatos e mostra qual é a vontade de Deus no momento histórico atual.

Ao ser possuído pelo “Espírito de Javé”, o profeta pronuncia oráculos e sua voz é acatada como palavra de Deus. Os grandes *Nabis*, porém, mesmo sendo Pais de escolas proféticas, não precisavam entrar em transe para falar em nome de Deus. O Espírito de Javé estava sempre com eles, e não precisavam do ritmo das liras e dos tamborins para se tornarem porta-vozes do SENHOR e mensageiros de seu projeto.

Os reis procuravam ter sempre um *Nabi* ou, pelo menos, um dos *Bnê-nebiim* como conselheiro. Esse profeta da corte é que lhes anunciava em nome de Javé se suas guerras ou outros empreendimentos correspondiam ou não ao plano de Deus e, portanto, se destinados ao sucesso ou ao fracasso. Muitos desses profetas da corte tiveram grande influência na política, tendo provocado várias vezes golpes de estado e derrubada de reis.

Antigamente, mesmo os profetas da corte podiam denunciar reis e príncipes sem serem molestados. Samuel, por exemplo, condenou atitudes do rei Saul e disse que ele deveria perder o trono. Natã criticou severamente Davi por ter matado Urias a fim de ficar com a sua mulher. Não havia censura nem repressão contra os profetas.

Atualmente, no reino de Israel em particular, especialmente depois da aliança com Tiro e do casamento de Acab com Jezabel, e, mais ainda, depois da revolução de Jéu, a palavra dos profetas era censurada e havia perseguição, tortura e morte para quem ousasse erguer a voz para denunciar o rei ou a sua política. Até mesmo Elias e Eliseu que, de tão admirados, acabaram tornando-se lendários, até eles eram insistentemente perseguidos pelos reis de Israel, e só por milagre mesmo conseguiam escapar.

Dessa forma, ser profeta da corte acabou por ser tornar um meio de vida. Os profetas carismáticos já não eram tão “carismáticos”: fingiram entrar em transe e estar possuídos pelo Espírito de Javé, para dizer o que interessava a quem lhes desse alguma coisa para mastigar. Bastava enaltecer os grandes, elogiar as suas

iniciativas, anunciar um futuro brilhante para tudo o que planejavam os donos do poder. Por um lado, era bom calar, esquecer o lado escuro, não falar da opressão, da situação do pobre, dos problemas sociais, nem tomar conhecimento dos golpes e trapaças dos reis e de seus generais. Assim muitos desses “profetas carismáticos” viviam bem e até “comiam da mesa do rei”.

Um episódio ilustrativo. O rei Acab, de Israel, e o rei Josafá, de Judá, estavam à porta da cidade de Samaria, sentados cada qual no seu trono. Cerca de quatrocentos profetas carismáticos, que comiam da mesa do rei de Israel, vinham desfilando à frente deles para dizer, “possuídos pelo espírito de Javé”, se eles deviam ou não partir para a guerra contra os arameus em Ramot de Galaad. O interesse era todo de Acab que pretendia retomar aquela região das mãos dos sírios e precisava da ajuda do rei de Judá.

Os carismáticos vinham em grupos ou escolas proféticas. Diante dos reis eles cantavam, tocavam seus instrumentos, dançavam e “eram possuídos pelo Espírito de Javé”. Todos, monotonamente, anunciavam uma grande vitória em Ramot de Galaad. Um, de nome Sedecias, foi mais original: improvisou um par de chifres com dois pedaços de ferro e em sua dança, “possuído pelo Espírito de Javé”, ia dando chifradas por todos os lados e repetindo: “É assim que vossa majestade vai fazer com o exército arameu!”.

Josafá, rei de Judá, não estava muito confiante naqueles profetas que comiam da mesa do rei de Israel. Perguntou a Acab se não havia por lá algum profeta que dissesse algo diferente, em que se pudesse confiar mais. Foi lembrado certo Miquéias, filho de Jemla. Acab disse que aquele era um inimigo seu, que só dizia coisas negativas, um inconveniente. Apesar disso, por insistência de Josafá, o rei mandou chamar o tal Miquéias de Jemla. Antes de levá-lo à presença dos reis, porém, recomendaram tudo o que devia dizer, que não devia cantar fora do coro, que todos estavam prevendo uma grande vitória em Ramot de Galaad.

Ao chegar, Miquéias começou a arremedar os profetas carismáticos e a dizer:

- Vá para a guerra em Ramot de Galaad! O SENHOR entrega os sírios nas mãos de vocês!

Acab percebeu a ironia e gritou com ele:

- Quantas vezes será preciso eu mandar que você pare com brincadeiras e diga só a verdade?!

Miquéias, então, mudando de tom, falou:

- O que eu estou vendo é um exercito desorientado, perdido como ovelhas espalhadas pelos morros e sem pastor. É que o chefe deles morreu. Não sabem mais o que fazer. Exército de Israel, volte cada um para sua casa! Acab, Javé pôs um espírito de mentira na boca de teus profetas, para eles te fizeram ir à guerra. Lá uma flecha dos arameus vai ter matar. E os cachorros vão lamber o teu sangue na mesma praça onde lamberam o sangue de Nabot.

O tal Sedecias deu um tapa no rosto de Miquéias dizendo:

- Como é que você prova que Javé fala pela tua boca e não pela minha?!

Acab mandou prender Miquéias dizendo que depois de voltar vitorioso da guerra iria decidir o que fazer dele.

Voltou morto, porém, porque, logo no início da batalha, depois de ter sido atingido por uma flecha dos sírios, seu carro de guerra não pôde sair do meio do combate para que ele fosse socorrido. O carro de guerra foi lavada do sangue de Acab na água do tanque que havia na mesma praça onde Acab mandara apedrejar o pequeno lavrador Nabot a fim de roubar-lhe as terras.

Fatos como esse não modificavam muito a situação. As escolas proféticas, na sua maioria, e os profetas da corte, de modo especial, continuavam dando apoio aos reis e poderosos e, ao mesmo tempo, fechando os olhos do povo para as injustiças que se multiplicavam.

3. JULGAMENTO À PORTA DA CIDADE

Caía a tarde e o sol se punha tingindo de vermelho as poucas nuvens que cobriam as montanhas de Judá, quando Amós, sua esposa e Ben-Samhá chegavam a Éfrata. O calor e o mormaço trazido pelo *kam-sin* (vento quente vindo das bandas do mar Vermelho) já cediam lugar à refrescante brisa da tarde.

À porta da cidade havia um pequeno aglomerado. À porta sempre existe uma praça, um lugar público mais amplo onde desembocam as ruelas que passam por entre o casario. Junto à porta as ruas se abrem, formando um quadrilátero e, ao longo das paredes e dos muros há uma mureta que serve de banco onde as pessoas costumam se assentar para conversar, para fazer negócios, para esperar um amigo etc. É também junto à porta da cidade que os anciãos ou conselheiros se reúnem para decidir as questões mais importantes da vida da comunidade.

A pequena multidão que nossos amigos viram formava um semicírculo em volta de um ponto determinado da mureta que circunda a praça da porta da cidade. Um senhor aparentando respeitabilidade está sentado no centro do semicírculo. De pé, à sua frente, está um pobre homem de ar rude, o rosto queimado pelo sol, mãos grossas e calejadas, segurando nas dobras do manto roto e curto um feixe de trigo. Um pouco atrás, à sua esquerda, está uma mulher amamentando uma criança e, junto a ela, outras sete crianças de diferentes idades.

À direita do humilde lavrador está um senhor bem vestido, túnica de linho ajustada ao corpo por um cinto de duas tiras de couro bem largas e costuradas uma à outra de maneira a formar uma bolsa para moedas, manto também de linho impecavelmente limpo, longo a quase cobrir-lhe os pés descalços. A mão esquerda parecia esconder debaixo do manto um objeto qualquer. Ao lado dele estava um bom número de pessoas que aparentavam ser gente de mais posses, comerciantes e artesãos da cidade. Ao lado do outro, além da sua família, havia mais dois camponeses e, mais distante um pouco, alguns outros espelhando em seu olhar ira e curiosidade ao mesmo tempo.

Era um julgamento. O senhor sentado na mureta era o ancião ou conselheiro que devia julgar e decidir a questão. O *Satan*, ou acusador, era o homem rico que a todo momento ajeitava melhor o cinto duplo, fazendo tilintar surdamente as moedas nele contidas. O acusado era o pobre lavrador, que tivera de deixar o seu trabalho para ali comparecer juntamente com sua família.

O ancião ergueu a voz:

- Fale um de cada vez e sejam breves; pois a noite não tarda a cair e nas trevas ninguém pode julgar ou decidir. *Qum, satan! Mah debarkem?* (Vamos, acusador! Qual é a questão?)

O ricoço ajeitou mais uma vez o cinto porta-moedas e iniciou a acusação: Tinha emprestado uma grande soma de dinheiro àquele lavrador que prometia pagá-lo na próxima colheita. Como garantia do empréstimo tinha dado o seu terreno que ficou, assim, hipotecado. Talvez o terreno nem valesse o dinheiro emprestado... (Nisso, quiseram protestar os outros lavradores que estavam ao lado do réu, mas o ancião juiz lhes impôs silêncio). Esgotado o prazo, ele nada pagara. Com o acréscimo de pequenos juros (novos protestos e nova intervenção do juiz), o ricoço adiou o pagamento para o ano seguinte e pôs suas sandálias no terreno daquele lavrador. Era um sinal de posse do terreno que, a partir de então, lhe pertencia. Terminando o novo prazo, a quantia que o lavrador lhe levava era tão pequena que nem cobria os juros que tinham combinado. (Os tímidos protestos nem chegaram a perturbar o acusador ou o juiz).

- Agora – concluiu o *satan* – este homem, que por duas vezes já me negou o pagamento de uma dívida certa e líquida, irá negar mais uma vez. É a acusação que faço contra ele. A justiça será feita quando eu assumir a posse efetiva do terreno que já é meu, com as plantações que lá estão, e quando ele e sua família passarem a me obedecer como a seu senhor. As minhas sandálias estão sobre o seu terreno e tudo o que nele existe! – e atirou aos pés do seu devedor o par de sandálias que trazia escondido debaixo do manto.

Quando o conselheiro-juiz pediu que as testemunhas confirmassem o que fora dito pelo homem rico, todos pareciam querer testemunhar ao mesmo tempo, confirmando até ao exagero, tudo o que dissera o homem. Foram selecionadas duas testemunhas que garantiram ser verdade tudo o que o usuário tinha dito e confirmaram também serem realmente dele aquelas sandálias que estavam sobre o terreno do lavrador.

Fazendo soar mais uma vez as moedas do seu cinto, o homem saiu do lugar, apanhou as sandálias e as colocou sobre a mureta, ao lado do juiz.

Ao dar a palavra ao lavrador, o conselheiro advertiu mais uma vez que o tempo era pouco e que o sol já ia se pondo. Se ele tentasse atrasar o julgamento, a decisão lhe seria desfavorável.

Tirando olhos do chão, do lugar exato onde ainda há pouco estavam as sandálias do seu credor, o pobre camponês levantou a cabeça e falou:

- Não tenho dinheiro na cinta, nem sandálias tão novas, nem roupas tão vistosas, nem camas de marfim ou almofadas de damasco como o meu *satan*. Só tenho estas mãos calejadas do trabalho duro da roça, a mulher e dois mais velhos que me ajudam no serviço, mais uma vaca e um jumento que puxam meu arado. Mas, tudo isso parece não bastar mais para que alguém possa viver feito gente. Precisei de dinheiro para pagar os novos impostos que vieram depois da guerra contra Israel. Mas o meu terreno é bom e os braços meus e dos meus filhos estão habituados ao trabalho. Prova disso aqui está este feixe de trigo, as primícias da minha colheita deste ano.



Colocou o feixe de trigo aos pés do juiz e voltou ao seu lugar. O outro precipitou-se sobre o feixe de trigo dizendo:

- É meu! Toda a colheita é minha, porque aquele terreno já me pertence!

O respeitável ancião pediu que deixasse o lavrador prosseguir. O agiota voltou, então, para o seu lugar sobraçando o feixe de trigo e fazendo tilintar mais uma vez as moedas da sua cintura.

- Nos dois anos que se passaram – prosseguiu o lavrador – Javé não abençoou a sua terra. No primeiro fechou o céu para que não chovesse e, no seguinte, mandou uma nuvem de gafanhotos que acabou com nossas plantações. Por essa causa foi que o vosso servo não pôde pagar o que devia. Mas a colheita deste ano será abundante como provam as primícias, este feixe de trigo que eu trouxe. Agora o vosso servo vai poder pagar a dívida que tem com o seu *satan*.

Os dois amigos que estavam ao lado do lavrador adiantaram-se um passo e, cabeça baixa, timidamente (o credor fazia siar mais uma vez as moedas que trazia na cinta) confirmaram que seria excelente a colheita do seu amigo, afirmaram ser ele um homem extremamente correto e que em breve ele iria pagar tudo o que devia.

O conselheiro que presidia àquele julgamento olhou para o poente a ver se o sol ainda não se tinha posto de todo. Esse momento de silêncio bastou para que a atenção geral se voltasse para ele. Sentado sobre aquela mureta, o tronco ereto, as mãos apoiadas sobre os joelhos, tendo ao seu lado o par de sandálias do agiota, o respeitável ancião interrogou o lavrador:

- É verdade que você recebeu um empréstimo da parte do seu senhor *satan*, que está à sua direita?

- Sim! É verdade!

- As testemunhas confirmam? – Confirmaram.

- É verdade que o senhor deu o seu terreno como garantia do dinheiro emprestado?

- Tive de concordar com essa hipoteca, porque ele assim exigiu e outra coisa eu não tinha a oferecer. Mas esse terreno vale muitas vezes mais que o dinheiro que ele me emprestou.

- Perguntei se a hipoteca era o seu terreno. Se era, então, no acordo entre os senhores foi-lhe atribuído valor igual àquela soma de dinheiro.

Os outros lavradores adiantaram-se falando todos ao mesmo tempo: “O terreno dele vale muito mais!” “Vale dez vezes mais!” “Só a colheita de um ano dá para pagar e ainda sobra!”

- Não pedi a palavra das testemunhas! Interroguei apenas o acusado. E lembrem-se de que dar falso testemunho significa incorrer na mesma pena do acusado!

Essas palavras do ancião-juiz fizeram calar de vez todos os lavradores que ali estavam.

Amós que, ao lado de sua esposa e de Ben-Samhá, assistia o julgamento, tentou se aproximar do juiz, mas foi contido em tempo pela esposa e pelo amigo.

- O *satan* - prosseguiu o conselheiro - trouxe uma prova: este par de sandálias, de que aquele terreno lhe pertence, como pertencem a ele as plantações que estão na roça. O senhor plantou em terreno que não lhe pertencia.

- Mas como?! É herança que recebi do meu pai! Há tantos anos vivo do trabalho neste terreno! É tudo o que eu possuo, é a vida para mim, minha mulher e meus filhos... Como pode ser isso? O terreno sempre foi meu de meus pais!

- Agora pertence ao seu acusador! Este par de sandálias é um testemunho contra o senhor. O direito está com o *satan*! Suas testemunhas podem começar a fazer justiça!

Levantou-se, apanhou o par de sandálias e retirou-se do semicírculo por entre os amigos do acusador que, respeitosamente, lhe abriam alas. Dobrou a primeira esquina e desapareceu na viela já tomada pelas primeiras sombras da noite.

Enquanto isso, uma das testemunhas tomava pelo braço o filho mais velho do lavrador, um rapaz de seus 17 anos, e com um safanão, o atirava aos pés do vitorioso acusador. Outra testemunha arrastou mais um menino e, imediatamente, todos queriam ajudar. Em poucos instantes o lavrador, sua esposa e seus filhos estavam aos pés do senhor rico que, mais uma vez, ajeitava melhor seu largo cinto cheio de moedas. Entre o choro das crianças e as súplicas da mulher, ele lhes deu uma ordem:

- Por enquanto podem continuar morando naquela casa que agora me pertence! Depois resolvo o que vou fazer com vocês! Amanhã ao nascer do sol quero ver todos trabalhando na minha colheita! Vou lá fiscalizar o trabalho e, se for necessário, contrato mais alguns trabalhadores para terminarmos logo este serviço. Depois eu resolvo se fico com vocês ou se os vendo para outros. Agora vão para casa, que têm que agarrar firme bem cedo! Não se esqueçam de que eu mesmo irei lá olhar o que estão fazendo!

Amós tentou ainda juntar sua voz aos protestos inúteis dos poucos amigos daquele homem que acabava de perder o seu chão e a sua liberdade. Ben-Samhá tirou-o dali:

- Vamos procurar logo hospedagem! Já é quase noite.

4. UM POUCO DA HISTÓRIA

Logo que foram se estabelecendo na terra de Canaã, os hebreus estavam organizados apenas em clãs e tribos ou pequenas comunidades familiares, associadas tão-somente por laços de origem, de crença e de ajuda mútua. Não havia desigualdades sociais. Todas as tribos tinham o suficiente para viver, ninguém era mais rico e poderoso. Ninguém era escravo de ninguém. As cidades dos cananeus, porém, tinham os seus reis, autoridades supremas com organização política que parecia mais moderna.

E, segundo narram seus historiadores, os hebreus desejaram também ter um rei da mesma forma como as cidades cananeias. Samuel advertiu:

- O rei vai convocar os seus filhos, os mais fortes das suas lavouras, para formar seu exército. Alguns deles vão ser generais ou coronéis, mas os outros vão ter de trabalhar nas lavouras e plantações do rei. Outros ainda ele vai precisar para fabricar suas armas e carros de guerra. As filhas de vocês vão ser feitas perfumistas, cozinheiras e padeiras do rei. Até as terras que vocês têm, as melhores ele vai tomar, mesmo que tenham lavouras já formadas. Essas terras ele dará aos oficiais de seu exército e aos ministros do seu governo. Além disso, ele ainda vai cobrar imposto das plantações de vocês, das lavouras de uva ou de oliveira, para ter dinheiro a fim de poder pagar os ministros, os funcionários, os oficiais e soldados do seu exército.

Os líderes do povo, porém, insistiram:

- Não faz mal! Precisamos ter um rei, igual a todo mundo!

Com Salomão, a organização político-administrativa daquelas diversas tribos, organizadas agora em um reino, chegou a tornar-se um mito de poder e de riqueza. Judá, a tribo de Davi, poderia, assim, dominar tranquilamente todas as outras.

Na parte norte do país ficavam dez das clássicas doze tribos. Foram vistas como as mais prejudicadas, porém eram política e economicamente mais desenvolvidas. Conta-se que Salomão havia desenvolvido um sistema rígido de cobrança de impostos e organizara bem toda a sua estrutura administrativa, dividindo o país todo em doze distritos. Imaginava-se que Judá mantivesse em Israel (o reino norte) fortes contingentes militares muito fiéis a Salomão e situados em pontos estratégicos do país. Só em Meguido, bem no



centro de Israel, havia estábulos capazes de abrigar cerca de 450 cavalos. Hoje, porém, a arqueologia reconhece que esses estábulos pertenciam ao reino norte e não ao mítico poderio de Judá.

A história dos reis de Judá diz também que os serviços pesados realizados em Judá eram executados por trabalhadores de Israel. Seria mais um sinal da situação de inferioridade a que tinham sido reduzidos os “irmãos” das tribos do norte. Na construção do Melo, um aterro e reforço nas muralhas de Jerusalém o chefe de serviço dos trabalhadores israelitas era um moço de caráter firme e enérgico de nome Jeroboão, filho de Nabat. Aqueles trabalhadores sonhavam com a liberdade e Jeroboão tinha tudo para chefiar uma revolta.

Uma tarde Jeroboão cruzou com o profeta Aías de Silo à entrada da cidade. Num gesto simbólico, o profeta rasgou o próprio manto em doze partes e entregou dez nas mãos de Jeroboão. O significado era evidente: “Javé coloca em tuas mãos as dez tribos de Israel!” Foi o mesmo que botar lenha na fogueira. Jeroboão passou a conspirar mais abertamente e, para não ser morto, foi buscar asilo político no Egito.

Jeroboão retornou para Israel a convite dos seus amigos, e tornou-se imediatamente o líder daquelas dez tribos. Sua primeira atitude foi chefiar a delegação que foi pedir ao novo rei de Judá para aliviar um pouco a carga de tributos que pesava sobre o seu povo. Jeroboão, em vez de atender, assim se diz, ameaçou fazer sua mão pesar ainda mais que a de seu pai Salomão. Julgava poder contar com o prestígio dele, com o poderio e com a fidelidade dos contingentes militares que ocupavam o país de Israel. Ilusão. A força militar instalada na região já não era o que ele pensava e, além do mais, a fidelidade dos oficiais sediados em Israel já não era a mesma dos tempos áureos de Salomão.

Jeroboão reuniu suas forças e proclamou a independência de Israel. Jeroboão tentou resistir, mas praticamente não houve luta, pois Israel já há algum tempo era maior e mais forte que Judá.

As esperanças de uma vida melhor para o povo, porém, tinham de ser adiadas. Era preciso primeiro reorganizar a nação. A coesão política tinha de ser mantida a todo custo. Nada melhor que a religião para unir o povo e manter a desejada unanimidade nacional. Para tanto, Jeroboão recorreu a uma antiga tradição bem arraigada na alma do povo, apesar das críticas que certa elite lhe fazia: o bezerro de ouro. Imaginava-se Deus de pé em cima de um novilho de três anos de idade, um tourinho, um reprodutor na plenitude de seu vigor. A estátua do tourinho recoberta de ouro foi instalada, então, em Betel, também um local de antiquíssimas tradições religiosas, bem no caminho para Jerusalém. Isso impediria que os israelitas fossem adorar Javé em Jerusalém, às portas do palácio do filho de Davi. Betel era o Santuário nacional de Israel, centro da fé e da nacionalidade. A fé garantia o império. O Templo de Jerusalém não era também uma simples dependência da casa do rei?

Nos tempos que se seguiram, enquanto em Judá a sucessão ao trono se fazia pela via normal, a via hereditária, em Israel os golpes militares e as conspirações eram a rotina.

A Jeroboão I sucedeu o filho Nadab. Mas durou pouco. O general Baasa conspirou contra ele e o eliminou juntamente com todos os familiares e políticos ligados a Jeroboão I. Nova esperança para o povo. Adiada até o fim da vida de Baasa. Seu filho o sucedeu, mas por pouco tempo também. Zambri, oficial do exército, o assassinou e proclamou-se rei. Zambri estava em Tersa, a antiga capital, que foi facilmente sitiada por seus adversários políticos. Sentindo-se perdido, Zambri suicidou-se.

O país viu-se, então, dividido em diversas facções que pretendiam chegar ao poder. Vencendo a todas elas, Omri conseguiu ser proclamado rei por todo o exército. Encontrou, porém, uma nação dividida, enfraquecida, humilhada e reduzida em seus territórios.

Pouco a pouco, porém, Omri foi se destacando por sua grande habilidade e firmeza. Sua política de desenvolvimento estava alicerçada em realizações maiores que as atribuídas a Davi e Salomão. Internamente foi capaz de conseguir paz política e militar. Criou um clima de cooperação com Judá. Maior abertura para o comércio externo trouxe novas oportunidades de progresso para Israel. Omri fez ainda que o reino de Damasco permanecesse dentro das suas antigas fronteiras e transformou Moab, o pequeno país vizinho, em vassalo de Israel. Selou uma aliança com Tiro, nação rica e poderosa por seu comércio, ao casar seu filho Acab com Jezabel, filha do rei de Tiro. Notabilizou-se, contudo, acima de qualquer outro empreendimento, pela construção da nova capital. Tersa, a velha capital, era uma cidade estrategicamente mal colocada. Ficava num vale, no cruzamento de vários caminhos de longo percurso. Em vista disso, Omri lançou-se à construção de uma nova capital na região mais montanhosa e mais protegida do planalto central de Israel. Omri construiu a nova cidade e deu-lhe o nome de Samaria.

Tais foram a fama e o prestígio de Omri, que, muito tempo depois da sua morte, o país de Israel era conhecido entre os assírios como o “país de Omri” e os israelitas eram chamados de “omritas”.

Além de outros méritos, Omri foi praticamente o primeiro rei de Israel a conseguir estabelecer uma dinastia estável. Sem qualquer ameaça política ou militar, seu filho Acab o sucedeu no trono.

Continuou a política de Omri. As obras monumentais prosseguiram. Acab, após terminar a construção de Samaria, fez ainda outro palácio, uma casa de campo em Jezrael. O desenvolvimento econômico e o enriquecimento rápido da nação e de uma minoria privilegiada eram acompanhados por crescente empobrecimento das classes mais humildes, especialmente dos lavradores. Estes cada vez mais explorados pelos ricos proprietários e pelos comerciantes das cidades. Os pequenos passaram a ter dificuldade cada vez maior para conservar a propriedade de suas terras. E, sem terra, tinham que se vender como escravos. Não é único o exemplo do próprio rei Acab que matou seu vizinho pobre, Nabot, a fim de se apossar da sua lavoura de uvas.

A religião. Javé era o Deus oficial de Israel. Seu nome estava sempre nos lábios não só dos seus profetas, mas também nos de todo o povo e especialmente nos lábios dos reis, “os ungidos de Javé”. Muitos cananeus viviam ao lado dos hebreus e as culturas e religiões acabavam se misturando. O culto oficial de Javé era muito seco e árido: uma só divindade e, ainda, sem imagens ou estátuas. Muitos elementos das religiões cananeias misturavam-se assim no culto de Javé e estavam infiltrados em todas as camadas da sociedade.

Quando Jezabel, esposa de Acab, trouxe de Tiro os seus deuses (os Baals), seus sacerdotes e seus profetas carismáticos, tudo foi aceito sem grande resistência. O culto dos “Baalim” (Baal-Aserá, Baal-Zebub e outros), incentivado pela rainha, progrediu rapidamente e veio a se tornar uma espécie de segunda religião oficial de Israel.

Para os profetas de Javé independentes, aqueles que procuravam com sinceridade ser totalmente fiéis ao Deus dos antepassados, essa mistura de religiões, essa influência dos cultos cananeus em Israel, era o grande pecado, a raiz de todos os males. Enquanto alguns poucos estavam conseguindo roubar cada vez mais e ficar cada dia mais ricos, a maioria da população ia mergulhando numa pobreza cada vez mais miserável; se as autoridades, especialmente quando tinham de agir como juizes, deixavam-se comprar e davam decisões a troco de gratificações; se alguns poucos gastavam desmesuradamente vivendo no luxo e na ostentação, enquanto a maioria mal podia comer; se política era sinônimo de corrupção e golpes baixos; se a própria nação vivia ameaçada pelas grandes potências tudo isso se devia a uma só causa: o abandono da lei de Javé em troca dos cultos de Baal. O descontentamento e o mal-estar entre o povo sofrido eram grandes. Somente a Lei de Javé seria capaz de reestabelecer a justiça e a igualdade de direitos entre todos.

Acab morreu ferido por uma flecha dos arameus (ou sírios) no cerco de Ramot de Galaad. Seu filho Ocozias sobreviveu-lhe poucos meses. Jorão, o segundo filho de Acab, sucedeu Ocozias.

Jorão era um homem fraco e indeciso. Tentou afastar um pouco o culto dos Baalim, a ver se podia evitar uma rebelião iminente. A influência de Jezabel, sua mãe, era, contudo, mais poderosa que seus sonhos. A reforma político-religiosa pretendida não foi além dos bons propósitos. Enquanto isso, os profetas independentes continuavam atacando a política social e religiosa da dinastia de Omri e alimentando, assim, a ira popular.

Havia um grupo radical extremado. Eram os recabitas. Eles eram contrários até à organização do estado adotada por Israel. Eram contrários à própria vida sedentária. Moravam em barracas, não em casas, e não plantavam vinhas nem oliveiras. Segundo eles, todo o povo deveria viver como os antepassados no tempo em que viviam no deserto. Pregavam a destruição total da dinastia de Omri como um “hérem”, um sacrifício agradável a Javé, que, para ser perfeito, não devia deixar nenhum sobrevivente.

Mesmo outros grupos conservadores achavam os recabitas um tanto exagerados e saudosistas demais. Mas na luta para tomar o poder das mãos do filho de Acab, todos os grupos conservadores estavam ao lado dos recabitas. A grande maioria do povo era influenciada por essa pregação. A qualquer momento viria o inevitável.

Eliseu, o mais influente, o mais violento e mordaz dos profetas, foi quem precipitou os acontecimentos.

Os militares tinham permitido que Jorão assumisse o poder por sentir que ele tinha algum desejo de modificar a situação anterior. Se tivesse tido qualidades para conquistar a simpatia dos militares talvez tivesse conseguido escapar. Mas Jorão não tinha voz de comando, jamais soube se impor aos militares acostumados à rigidez da disciplina, à vida ruda do acampamento e aos riscos da guerra. Jorão era um comodista, preferia a vida macia da “frente caseira” como se comentava entre os soldados. Seu exército estava em campanha em Ramot de Galaad e ele estava repousando na casa de campo em Jezrael. O caldo entornava. Os militares que pareciam até então relutar um pouco, agora estavam apenas aguardando um último acontecimento que fosse como que um aviso a indicar o momento de entrar em ação.

Eliseu provocou esse fato. Ele, usando de todo o seu prestígio, mandou um mensageiro seu ao quartel de Ramot de Galaad proclamar o general Jeú como rei. Os outros oficiais aderiram imediatamente e aclamaram o novo rei. Normalmente um rei, mesmo ungido em nome de Deus pelo profeta, devia ser aclamado pelo povo. Aqui a aclamação dos militares substituiu o voto popular. Estava deflagrada a revolução.

Aclamado rei, Jeú subiu ao seu carro de batalha e partiu à toda para Jezrael. Para se confirmar no cargo, tinha que, pessoalmente, matar Jorão. Este, ao saber que Jeú vinha à sua procura, saiu ao seu encontro. Sem dizer uma palavra, Jeú apanhou suas armas e matou Jorão ali mesmo, no lugar onde eles se tinham encontrado.

A princípio, a revolução pareceu ser apenas um golpe militar ou pouco mais do que isso. Aos poucos, porém, foi tomando os contornos de uma reação de todas as forças conservadoras de Israel contra a dinastia de Omri e todos os aspectos da sua política. Agindo rapidamente, em pouco tempo nada mais havia que lembrasse a situação anterior. Foram eliminado sumariamente, a começar de Jezabel, a rainha-mãe, todos os amigos e políticos ligados a Jorão e seus sucessores. Os sacerdotes, profetas e adoradores dos Baal em

Samaria foram convocados para um solene culto de ação de graças no templo de Baal, em Samaria. Era uma cilada. Durante o culto, o exército de Jéu fechou as portas, invadiu o templo, e matou todos os que se encontravam lá dentro sem deixar escapar ninguém. Em seguida o templo foi destruído. Era o *hérem*, o sacrifício agradável a Deus que os recabitas pediam.

Javé é novamente o único Deus de Israel. A revolução eliminou todos os inimigos de Javé e do seu povo. Quem se opuser à revolução estará se declarando inimigo de Deus e da pátria.

O zelo religioso da revolução, porém, era só aparente. Se, por um lado, o culto de Baal foi extirpado de forma tão violenta, por outro, outras formas de culto cananeu continuavam se infiltrando no culto de Javé. Acima de tudo, porém, todo o empenho se concentrou no aspecto culto e nada foi feito para se ligar à observância da Lei de Deus como norma de convivência solidária e fraterna.

5. A NOVA CAPITAL

Amasias, sacerdote de Betel, o Santuário Nacional que ficava no extremo sul do país, acompanhado de Se-Adom de Guilgal, também centro de inúmeras peregrinações nas montanhas de Efraim, chegava a Samaria na expectativa de ali encontrar Mosek-Saq, sacerdote de Dã, o outro Santuário Nacional, estrategicamente colocado no extremo norte do país. Após passar entre as montanhas do Ebal e do Garizim, o caminho fazia uma curva à direita e, um pouco mais além, já se divisava Samaria, a nova capital de Israel.

A nova capital fora um marco decisivo na história do desenvolvimento do país e também a maior afirmação de Israel como nação desde sua independência. Agora, é verdade, o nome do seu idealizador e construtor era um nome proscrito. Sua dinastia fora apeada do poder pelo golpe militar comandado por Jeú. Incentivado pelos profetas e apoiado por grande parte do povo, o general Jeú tinha se proposto a eliminar tudo o que pudesse lembrar Omri e seus sucessores. Mas Samaria era um fato consumado. Mesmo para pretender esquecer Omri, o seu criador, ninguém pensou em voltar a capital para Tersa, evidentemente.

Muito embora não tivesse ele mesmo concluído a construção da nova capital, a visão da bela cidade situada no topo da mais alta colina do planalto central, de onde dominava toda a região entre o litoral e o interior do país, não podia deixar de lembrar o nome daquele que, não só pela construção da cidade, tinha elevado tão alto a fama e o poder de Israel.

Samaria era diferente de tudo o mais. Era um salto para o futuro em termos de técnica de construção. Tinha ruas traçadas e não aqueles becos tortuosos e estreitos das outras cidades. Suas muralhas e suas casas eram construídas de pedras bem lavradas, estreitas e longas, dispostas duas a duas ou três a três alternadamente. O resultado eram construções sólidas e bem acabadas. Bem diverso daqueles amontoados de pedras irregulares e mal lavradas que se viam em outros lugares. As casas e palacetes de Samaria não estavam desocupados, Samaria tinham cerca de 30 mil habitantes. Mesmo contra a vontade daqueles que agora detinham o poder, era impossível esquecer Omri. Foi ele quem, pessoalmente, escolheu o lugar e teve a ousadia de se lançar à construção não de uma casa ou de um palácio, mas de toda uma cidade inteiramente nova e de para lá se transferir com toda a sua corte.

Tudo isso era verdade. Tudo isso vinha ao pensamento daqueles sacerdotes que chegavam a Samaria. A visão da moderna cidade não podia deixar de lembrar o seu idealizador e construtor. Hoje a nação goza de uma era jamais igualada de progresso e de riqueza. Nem era possível também fugir à tentação de atribuir a Omri o mérito de ter lançado as bases da riqueza atual. Foi ele quem deu a personalidade e consistência ao país de Israel. Não se podia negar. Pensar em tudo isso era até possível, mas falar não convinha... especialmente para os dois sacerdotes que dentro de poucas horas estariam à mesa ao lado do terceiro rei da Revolução. Seria um crime de infidelidade contra Jeroboão e seus pais.

- Como custou caro ao país a construção desta cidade! - comentou Amasias.

- Especialmente para os pobres, para os homens do campo! - completou Se-Adon.

- Quanto tributo pesado!

- E o pior, - completou mais uma vez Se-Adon - as alianças, os tratados vergonhosos para as tradições dos nossos pais que Omri e seus sucessores fizeram com os estrangeiros...

- Omri já havia demonstrado simpatia por Tiro, mas seu filho Acab chegou ao máximo: escancarou as nossas portas para a religião e os costumes dessa gente que nossos pais tanto lutaram para expulsar desta terra. O nosso povo e os nossos militares foram até muito pacientes...

- A nação viveu momentos de sobressalto, mas agora, felizmente, vivemos em paz, e a dinastia de Jeú está mais consolidada. Na paz e na tranquilidade a nação se desenvolve rapidamente. O povo deve estar contente, os profetas não erguem mais a sua voz contra o rei, o ungido do SENHOR.

- Estamos agora numa nova era de progresso. Mas a nação passou por tempos difíceis - completou Se-Adon. - O expurgo de Jeú acabou com toda a liderança política; o rompimento dos acordos comerciais trouxe problemas para Israel, mas era necessário. Do contrário ninguém hoje falaria mais em Javé. O povo todo seria adorador dos *Baalim*.

- Já imaginou - disse Amasias, ostentando tranquilidade e indiferença - o templo de *Baal* em Samaria vir a ser mais frequentado do que os Santuários Nacionais!?!... Que escândalo! Que fracasso!...

Ali estava Mosek-Saq, esperando por eles à porta da cidade.

- *Shalom Javé Eloenu wehen mshiw etkem!* (Que a paz de Javé nosso Deus e a benevolência do seu unguido estejam convosco).
- *Shalom aleka!* __ responderam os dois.
- Realmente – comentou Amasias – precisamos da benevolência do rei, o unguido do SENHOR.
- Na minha saudação – explicou Mosek-Saq – Sempre desejo também a benevolência de Jeroboão filho de Joás, porque em suas mãos está a paz e a tranquilidade do país.
- Vamos para o palácio real! – sugeriu Se-Adon.

Ao retomarem a caminhada, falou Amasias:

- Estávamos admirando de longe a beleza desta cidade. Cada vez que aqui venho, mais a admiro!
- É só não admirar demais... – comentou Mosek-Saq.
- Vejam esta casa! – mudou de assunto Se-Adon.

Pararam um pouco a fim de admirar a construção dupla (era uma casa de inverno e de verão) toda ela de pedras lavradas e entalhadas. Parte estava fechada. Era a casa de inverno. O verão iniciado, seus moradores tinham se transferido para a casa contigua, mais arejada e melhor sombreada. Um pouco mais adiante era outra construção. Agora o destaque era a madeira negra com incrustações brancas. Era o palácio de ébano e marfim, tão famoso. Um pouco além, mais entalhes artísticos, mais ébano, novas incrustações. Trabalho dos melhores artesãos de Israel e da Fenícia.

Detendo-se aqui e ali para admirar cada palacete, cada construção mais majestosa, chegaram até o palácio real. Esse ganhava de todos os outros em beleza e imponência. Após terem se identificado diante do *rasim* (guarda de segurança do rei), sobem a escada que leva à colunata que flanqueia a porta principal e sustenta o piso superior do palácio. Perguntavam-se os sacerdotes sobre qual teria sido a razão daquele chamado rei. Divisaram, então, uma figura de roupas esvoaçantes, passos curtos e andar baloiçante, a atravessar a sala.

- Quem será aquela mulher? – comentou Amasias.
- Não é mulher, é homem! – advertiu Se-Adon – Reparei que usa barba.
- Nem uma coisa nem outra, - comentou maliciosamente Mosek-Saq – é um cão!
- Um câ... – ia exclamar Amasias, quando o personagem se apresentou diante deles.

De fato. Era um jovem. A barba espessa, porém curta e bem cuidada, andar macio e gestos femininos. Até a voz era característica:

- *Shalom alekem!* – disse ele, inclinando-se com os braços cruzados sobre o ventre, as pontas dos dedos erguendo delicadamente o manto, enquanto vergava o tronco e tombava a cabeça como a querer repousa-la em algum lugar. – Os senhores são os sacerdotes que o rei, meu amo, convidou para hoje cearem com ele?! Pois acompanhem este criado, que vou leva-los até a antecâmara onde poderão aguardar a presença de Jeroboão, nosso rei e senhor.

Passaram diante de uma porta que tinha um escaravelho incrustado. Se-Adon parou para admirar a pequena obra de arte. O escaravelho tinha a figura de um leão e a inscrição: “*LESEMA EBED YEROBOAM*”. O recepcionista explicou:

- Foi feito em Arslan-Tas especialmente para o meu senhor Semá, ministro de Jeroboão e chefe da sua casa. Este selo está em todos os seus papiros. Semá também irá ceiar com os senhores... Por aqui, por favor!

Afastou uma cortina e, inclinando-se, apontava-lhes a entrada de uma sala.

- Acomodem-se aí, à vontade, enquanto vou buscar água para os senhores lavarem os pés. Semá virá saudá-los em nome do rei.



6. CONVERSA DE SACERDOTES

A sala era toda revestida de cortinas de veludo. Ao centro havia uma mesa com incrustações de marfim e, ao longo das paredes, quatro grandes sofás de ébano, todos eles marchetados em marfim. Sobre cada um dos sofás, diversas almofadas de damasco de vários tamanhos.

Escolhendo as almofadas que melhor lhes convinham para se recostarem, os três sacerdotes ocuparam cada qual um sofá, procurando a posição que mais cômoda lhes parecia.

- Que conforto! – exclamou Mosek-Saq. E, espreguiçando-se: - Até que enfim, a gente pode descansar um pouco dessa caminhada. Vale a pena ser amigo do rei...

- Reparem quantas incrustações de marfim! – comentou Se-Adon – isso deve ter custado muitos siclos de prata!

- Não fica tão caro assim! – replicou Amasias – Eu tenho uma cama marchetada de marfim. Não me foi tão difícil pagá-la...

- Betel é Betel! – atalhou Mosek-Saq - Se eu fosse sacerdote de Betel teria até um palácio igual a este aqui...

- De fato. São muitas as romarias que chegam a Betel. Mas são todos *Am-haares* (gente da terra), pobres lavradores que mal têm o que comer. É uma lenda essa estória de cofres enormes, repletos de moedas. Não tivesse eu meu pedaço de terra, nem teria do que viver...

- Mas você tem adquirido novas propriedades – disse Mosek-Saq com uma ponta de ironia – isso não é lenda. É?

- Comprei, sim, os terrenos de alguns confrontantes. Minha propriedade era muito pequena. A gente precisa pensar no futuro, e o cultivo da terra é que dá uma renda garantida e estável.

Se-Adon espirituoso:

- Fortuna repentina, temporal que pouco dura. A chuva miúda é que faz fartura!

- Agora – falou sério Mosek-Saq – o movimento em Dã parece que vai melhorando. Os homens, principalmente, têm procurado mais o meu Santuário...É que as jovens que prestam serviço à porta do templo e tecem as vestimentas utilizadas no culto... quero dizer: elas são um atrativo a mais... isto é...Mas eles as procuram como culto prestado a Javé, que dá fertilidade à nossa terra, aos nossos rebanhos e às nossas esposas...

- Prostituição sagrada! – escandalizou-se Se-Adon – Isso é coisa abominável ao SENHOR! Não foi exatamente para acabar com esses cultos pagãos que se fez a Revolução de Jeú? Se nossos chefes, Jeroboão e seus ministros souberem disso... Não se podem fazer essas coisas assim tão abertamente!

- Ingenuidade sua! – riu Mosek-Saq – Não se trata de culto pagão. É a Javé, o deus dos nossos pais, que estão cultuando! A forma ...Além do mais (baixou a voz), vou contar uma coisa para vocês...

Nisto o jovem que os recebera abriu a porta e fez entrar os escravos que lhes lavariam os pés. Um deles trazia uma toalha presa à cintura, outro trazia uma bacia e o terceiro, uma jarra de bronze. A um sinal do jovem, os três se ajoelharam diante de Amasias, e o que trazia a toalha começou a desatar-lhe as correias das sandálias. O segundo pôs-lhe a bacia sob os pés, enquanto o da jarra lhes vertia a água.

Um silêncio grave acompanhou o início do ritual. Pouco depois, porém, Amasias perguntava ao jovem anfitrião:

- De onde vieram esses escravos?

- Este, que lhe enxuga os pés é de Judá, foi feito prisioneiro por Joás na guerra contra Amasias. Como a paz voltou a reinar entre nossas duas nações, ele será libertado e deverá voltar para a sua terra. Os outros dois foram comprados em Tiro. E ali à porta estão outros três, adquiridos de Edom que, por sua vez, os comprara em Gaza.

- Tiro e Gaza têm promovido grande comércio de escravos ultimamente, não é verdade? – perguntou retoricamente Se-Adon, mostrando estar a par dos acontecimentos – e os têm vendido quase todos em Edom, não?

- É! Apesar de nos odiarem tanto, os filhos de Esaú às vezes nos vendem algum escravo.

Terminando o lava-pés, os três escravos deixaram a sala e imediatamente aproximaram-se os outros três que estavam à porta. Um deles trazia um vaso de perfume que entregou ao jovem para que perfumasse a cabeça dos visitantes. Os outros dois traziam quatro grandes taças de vidro e uma jarra de vinho.

- Este vinho é dos mais selecionados vinhedos do país. Melhor até que os do vale de Escol. Tenho certeza de que irão gostar. Aguardem Semá, o meu senhor, que virá saudá-los em nome do rei e beber uma taça em companhia dos ilustres sacerdotes.

Saiu, acompanhado dos três escravos, deixando o vinho e as taças sobre a mesa.

Procurando uma posição mais cômoda no sofá, Se-Adon comentou:

- Como é reconfortante a gente estar de pés lavados e cabeça perfumada! – e, tentando ironizar Amasias – você também usa desses perfumes caros e vinhos especiais servidos em jarras e taças de vidro em Betel?

Erguendo-se um pouco do seu sofá, Mosek-Saq interrompeu, falando em voz baixa:

- Como eu dizia, quando falávamos das jovens no meu santuário, este Semá que vem saudar-nos em nome do rei já esteve em Dã mais de uma vez para cultivar o SENHOR da criação!

Se-Adon não pôde conter uma exclamação de espanto.

- Sim! É verdade! E mais: quando lá estive pela última vez, procurei-me para dar uma sugestão; disse que seria bom que eu tivesse lá também alguns cães, pois alguns deles tecem até com maior delicadeza do que as jovens e, além de tecer as vestimentas do culto, poderiam prestar também outros serviços que não deixariam de ser solicitados... O homem parece que entende do assunto... Não viram este cão que está nos hospedando? (Rindo). Vou pedir a ele que escolha alguns para servirem no meu santuário em Dã...

- Isso é coisa muito séria! – disse Amasias.

Quando ia prosseguir, porém, Semá, o ministro-chefe da casa real de Jeroboão assomou à porta. Parou um momento, enquanto os três sacerdotes se punham de pé e, em seguida, aproximou-se de cada um deles depositando um beijo na sua face esquerda e dizendo:

- Que a paz de Javé esteja com os senhores! O rei Jeroboão, a quem sirvo, deseja-lhes boas-vindas e que suas faces passem refletir as bênçãos dos céus.

Após o ritual da saudação, Semá convocou o jovem que até então hospedava os sacerdotes:

- Yachmay, sirva-nos uma taça de vinho e, depois, venha avisar-nos quando o rei nos chama para vermos a sua face e comermos à sua mesa.

Servido o vinho, Yachmay retirou-se, e os quatro se assentaram em silêncio.

Semá tomou a palavra:

- Os ilustres sacerdotes certamente ainda se perguntaram sobre qual o motivo pelo qual o rei os convidou a cear da sua mesa e ver a sua face... Não lhe é desconhecida, evidentemente, a importância que tem o culto de Javé para a manutenção da paz social, da ordem e da segurança da nação. O povo tem a cabeça dura e deixa-se levar facilmente por qualquer atrativo que lhe perturbe a mente. As tribos mais do norte, por exemplo, são tentadas muitas e muitas vezes a se separarem do poderoso reino de Israel. Isto seria um grande prejuízo para eles e para nós. Não fosse Dã um Santuário Real, uma continuação mesma deste palácio, talvez o norte já se tivesse rebelado e, quem sabe até, já estaria pagando tributo a Damasco ou aos assírios. Aí teríamos nós a porta aberta aos nossos inimigos. Meu amigo Mosek-Saq sabe muito bem disso, não é verdade?

- Nem uma das palavras do meu senhor cai por terra! São todas verdadeiras. A fidelidade do povo de Javé e ao seu ungido, que eu tanto me esforço por manter, é que conserva o nosso povo unido ao pacto de irmãos. Nem é preciso lembrar qual a razão pela qual Jeroboão Ben Nabat, o fundador de Israel, colocou em Betel o touro dourado, trono de Javé, que guiou os nossos pais pelo deserto. Não fosse o Santuário Nacional de Betel, hoje seríamos escravos dos filhos de Davi.

- E saiba – atalhou Amasias – que muitos filhos de Judá vêm também ao Santuário de Betel. Eles preferem ver o SENHOR Javé sobre o touro dourado a não vê-lo em Jerusalém..

- Pois a fé dos nossos pais – prosseguiu Semá – é que vem mantendo a segurança e a unidade da nação. Não é, pois, sem motivo que os ilustres sacerdotes são considerados grandes oficiais do nosso rei. (Com um pequeno movimento e um leve sorriso, os três sacerdotes demonstraram sentir-se lisonjados). E são realmente altos funcionários nossos, são membros desta Casa Real.

Um perigo, porém, ainda nos espreita – seguia Semá. – Vejam como a nação tem-se tornado rica e poderosa. A mão do SENHOR está conosco! Examinem bem as casas e os palácios de Samaria. Notem quanta

riqueza, quanta prosperidade! A política dos filhos de Jeú não tem falhado, e as bênçãos do SENHOR Javé caem abundantes sobre a nossa terra. Graças sejam dadas ao SENHOR. Já passou a era de sobressaltos em que viveram nossos antepassados, antes que Jeú erguesse a sua espada contra os traidores da pátria e da fé dos nossos pais. Felizmente a Revolução banuiu da nossa terra os deuses pagãos com seus sacerdotes e profetas; restabeleceu a ordem e o respeito entre o povo e, agora, estamos chegando a esta era de progresso e bem-estar que estamos vivendo. Sem as aventuras de Omri e de Acab, sem a fraqueza e a falta de autoridade de Jorão, sem o comércio com Tiro, mas também sem os seus *Baalim*, a nação pôde respirar aliviada. E ressurgiu das cinzas, alcançando hoje uma fase de progresso e de prestígio internacional só comparáveis ao que se dizia do tempo de Salomão.

Mosek-Saq não conteve o aplauso:

- Muito bem! Isso mesmo! E tudo devemos à redentora Revolução de Jeú! Jeroboão, filho de Joás, é o verdadeiro Salomão!

- Pois bem! – prosseguiu Semá – Hoje estamos em paz com todos os povos vizinhos especialmente com nossos irmãos, os filhos de Judá. Nossas fronteiras estão abertas e como muitos dos nossos têm ido adorar em Jerusalém e, como Amasias acabou de nos dizer, muita gente de Judá vem adorar em Betel. Alguns desses que transitam daqui para lá e de lá para cá são *nebiim*. Que venham adorar, podemos permitir; que venham profetizar, isso nunca! Senão eles virão dizer ao nosso povo que só Jerusalém é o santuário de Javé, e isso poderia criar sérios problemas para a segurança da nação. Foi para falar sobre este assunto que Jeroboão os chamou aqui ao palácio real.

7. À SOMBRA DA OLIVEIRA

- Que foi feito da justiça? – perguntava Amós enquanto percorriam as vielas de Éfrata à procura de um lugar onde passar a noite. – Um par de sandálias! Só porque ele pôs as sandálias no terreno pobre, acabou fazendo do seu irmão um escravo seu. Um é rico e o outro é pobre! Foi por isso que o ancião julgou daquela forma! O direito é sempre negado aos pobres... a justiça está à venda! O direito está no mercado, a ver que paga mais! Reparou como o juiz não se envergonhou de receber um presente na frente de todos! Um par de sandálias novas custou a vida do pobre lavrador! Como é que o SENHOR Javé não se vai irar contra o seu povo?! Vou procurar esse ancião e dizer-lhe algumas coisas! Queira ele escutar ou não, eu vou falar do que Deus diz!

- Deixa disso! – corrigia a esposa. – Que há entre você e este ancião?

- Verdade! – arrematou Ben-Samhá. – Quem é você, que só sabe lidar com ovelhas e sicômoros, para dizer ao conselheiro que ele cometeu uma injustiça? E, além do mais, é ao rei e àqueles que ele escolheu que compete resolver esses problemas. Nós, os pobres, devemos é cuidar da nossa vida, ficar calados e cumprir nossas obrigações de cada dia. Aí está tudo!

- Mas o SENHOR diz...

- Quem é você para saber o que diz o SENHOR?! Está agora querendo se fazer de *nabi*? Você não passa de pastor de ovelhas e talhador de sicômoros! Vamos servir ao SENHOR de todo o coração, prestar-lhe o culto devido na alegria e na generosidade, e que cada um cuide da sua vida! E vamos cuidar da nossa. Aqui está a casa de meu amigo Zavan. Ele vai nos dar hospedagem por esta noite!

A casa não era grande, mas Zavan os recebeu como enviados do céu. Serviu-lhes água para lavarem os pés e pão e leite para comerem. Enquanto comiam, Amós perguntou ao seu hospedeiro de pé a sua frente, se conhecia os anciãos-conselheiros da cidade. Ele respondeu que era pouco o conhecimento que tinha com eles, mas contou-lhes, comovido, sua experiência numa escola profética. Como ele tinha se voltado para o SENHOR e sua lei após ter sido tomado pelo Espírito do SENHOR em contato com os *nebiim*! Toda a sua vida tinha mudado. Suas preces eram agora mais frequentes e fervorosas. Sentia-se permanentemente em comunhão com o SENHOR Javé! Lágrimas chegaram a rolar de seus olhos quando contava tudo o que se tinha passado com ele. Amós preferiu dormir. Desistiu de sair à procura do ancião-conselheiro.

Ao nascer do sol, puseram-se a caminho de Técuá, e, quando o sol tomava o caminho de Betsur, Amós já descia vales e galgava montanhas, levando suas ovelhas à procura de pastagem.

Apesar de estarem bem vivas ainda em sua mente as imagens da peregrinação que acabara de fazer, sentia-se extremamente feliz por voltar àquela paisagem familiar. Sorria de contentamento ao ver em torno de si as ovelhas obedientes e também felizes. Correndo de um lado para o outro, balindo por nada, apenas para chamar a atenção, os cordeirinhos vindo de encontro uns com os outros como se estivessem brigando entre si, em tudo demonstravam sua alegria por estarem novamente ouvindo a voz amiga do pastor. Ao divisar a oliveira em torno do qual costumavam passar horas e horas a pastar, começaram a se enfileirar e andar num passo mais apressado, quase a correr. Amós sorria de satisfação e prazer.

Após observar como as ovelhas, todas ao alcance da sua vista, iam procurando o que comer entre a relva já rala e seca, Amós sentou-se à sombra de uma oliveira a fim de abrigar-se do sol e repousar um pouco. Deitou-se quase, recostando a cabeça no tronco da árvore. Estava cansado e carregado de impressões e emoções. As imagens começam a desfilar na sua mente: Aquele campo de forragens visto ainda há pouco e que começava a brotar novamente após o corte destinado à cavalaria real. A parte nova do muro de Jerusalém, bem apumado e alinhado. As duas pilastras à porta do Templo como dois guardas a vigiar a entrada da casa do SENHOR. O tal profeta



falando das sete glórias de Israel e Judá... Não seria mais justo falar das sete vergonhas ou dos sete crimes?... O pobre lavrador sobraçando o feixe de trigo... O homem das sandálias... O respeitável ancião que fazia o papel de juiz... Injustiça! Exploração! Onde está a Lei do SENHOR, a lei da igualdade, a lei da fraternidade... De que valem as promessas e votos como o que ele fora cumprir em Jerusalém?... Como o pobre está sendo injustiçado e explorado nessa terra que Javé deu a nossos pais!... No entanto, para muitos tudo parece calmo e tranquilo... tudo são glórias, no dizer do profeta de Jerusalém... o choro das crianças... o pobre camponês jogado aos pés do seu credor... era livre e proprietário, agora é escravo do seu próprio irmão... Adormeceu.

Um campo de trigo a perder de vista. Cachos cheios, bem granados, começando a madurar... parecidos com aqueles que viu nos braços do camponês de Éfrata. Mais um pouco e está no ponto para a colheita. Surge, no entanto, uma nuvem de gafanhotos que passam pela lavoura e num instante está tudo arrasado. Só ficam restos de talos que secam e não brotam mais, como acontece com a forragem! Amós acorda assustado: “Não, SENHOR! Não pode ser! Tende misericórdia do vosso povo! Ele não pode resistir!” Já mais desperto, Amós suspira aliviado: “Não! o SENHOR não fará isso com seu povo!”

Ficou de pé, andou um pouco em volta, verificou se todas as ovelhas estavam por ali. Só para distrair, só para acordar melhor e esquecer os sonhos. As ovelhas eram todas mansas e obedientes. Espreguiçou-se, sentou-se, encostou os ombros na árvore, esticou bem as pernas. Logo estava cochilando novamente. Seguindo à direita, os vales iam se tornando mais profundos, as montanhas menos elevadas, a terra seca e árida, até chegar o Mar Morto, o mar de betume, onde, se dizia, havia caído fogo do céu para destruir duas cidades: Sodoma e Gomorra.

Pela esquerda as terras eram mais férteis, as montanhas de Judá mais altas, depois vinha a Sefelá ou Baixada e o Grande Mar. Logo ali à frente estava Éfrata. Zavan contando emocionado a sua experiência numa escola profética. As lágrimas rolando de seus olhos como duas pedras preciosas iluminadas pela luz do lampião. Aquela extensão toda, do Grande Mar ao mar Morto, era uma só lavoura de trigo maduro, pronto para a colheita... As águas do mar estão vermelhas... iluminadas!... De um mar a outro as labaredas... línguas vorazes que vão devorando aquela imensa lavoura até não sobrar um só pé de trigo... O fogo parece chegar onde está Amós e ele desperta assustado: “Para! Para! SENHOR Javé. O teu povo não poderá resistir!”

Mais uma vez ele se levantou e procurou afastar aquelas imagens, certo de que tudo era resultado do cansaço, das impressões da viagem e do Kam-Sin que soprava brando, mas trazia o mormaço do deserto. “Fogo? Seca? Isso não vai acontecer... O SENHOR é justo, mas é também cheio de misericórdia e fidelidade... Nada disso! Tudo não passa de um pequeno pesadelo provocado pelo calor da tarde... Ou, quem sabe, não!”

A tarde ia caindo rapidamente e Amós tratou de levar as ovelhas de volta para a casa. Parou para olhar um pouco o lugar onde morava. Aldeiazinha pequena, um pobre aglomerado de casebres em torno de uma ou outra casa melhor construída e que se destacavam das menores por serem as únicas que ainda recebiam os últimos raios de sol. Estava ali, no extremo das montanhas de Judá e à beira do deserto, no extremo da sobrevivência e à beira da fome, em contraste com o luxo e o bem-estar admirados em Jerusalém e que sabia serem ainda maiores em Samaria e nas grandes cidades do reino de Israel.

Técua era uma das mais pobres aldeias da pequena nação de Judá. Lugar onde só se falava em ovelhas e sicômoros, em vacas e arados; onde todos, até mesmo os mais ricos, tinham as mãos calejadas no trabalho cotidiano, na luta pela sobrevivência, pelo pão de cada dia para si e os seus e também para os grandes da corte.

De fato. Tinham de trabalhar dobrado para sustentar a vida e o bem-estar do rei e seus funcionários que já não trabalham mais nas próprias roças como antigamente. “Mas nós aqui – pensava Amós enquanto buscava a entrada da aldeia – somos mais felizes, pois somos mais fiéis a Javé, o nosso Deus. Estamos mais atentos à sua voz, vemos a sua mão na macega seca ou na erva verde, erguemos as mãos para louvá-lo quando os *wadis* se transformam em córregos que se precipitam para o deserto; reconhecemos o nosso pecado quando a seca como um fogo abrasador consome as pastagens e devora as plantações. O leão rugir no deserto: apanhou alguma presa. Nós sabemos que também quando é que o SENHOR está rugindo. A gente da cidade não sabe... não percebe... Continua tranquila em sua vida confortável. Na cidade não se ouve o rugido do leão, não se veem os *wadis* transformarem-se em córregos e nem a mina secar. Para a gente da cidade pouco importa se vem chuva no tempo certo ou se o sol esturrica a plantinha que acabou de nascer. Para eles

pouco interessa se a ovelha encontra pastagem ou se emagrece ou cai presa do leão. Lá eles só se preocupam em ter os mais ricos leitos de marfim, em saber quem toca melhor a harpa ou a cítara, quem distingue, apenas pelo sabor, o vinho comum de um vinho de Escol legítimo. A palavra de Deus não se encontra no fundo das taças de vidro, nem nas carnes gordas, nem nos adornos caros das mulheres da cidade... É preciso buscar a palavra de Deus... Já não se encontram mais profetas como Elias e Eliseu que falavam com sinceridade em nome do SENHOR... Os poderosos estão conduzindo o nosso povo para a desgraça...” Voltavam a desfilar as imagens que o tinham assaltado à sombra da oliveira.

Chegava á sua casa. Um casebre feito de pedras tão irregulares que permitiam até que cobras se escondessem entre suas fendas. Ia apoiar a mão na parede, quando recuou assustado.

- Que foi isso, Amós? – perguntou a mulher ao vê-lo.

- Tive a impressão de que havia uma cobra escondida aqui na parede! Deixa ver! ...Não! Não há nada não! Na cidade, nas casas de pedra lavradas, isso não acontece... Ah! Mas é isso o que vai acontecer com eles!

- Com eles quem?

- Com as autoridades e com os poderosos de Israel!

- Cuidado com que você anda dizendo! Você sabe a gente que depende dos outros deve sempre ficar calada! ...

- Eles não percebem! Não escutam a Palavra de Deus. Estão tranquilos. Não veem o sofrimento do povo. Para eles está tudo bem. Tudo na mais perfeita ordem. Vão levando a vida no conforto e na tranquilidade.

- Cuidado, homem!

- Distraídos, não notam o que está acontecendo, não percebem o que está ocorrendo com o povo, não veem que estão cavando o fosso da violência. Comem, bebem, tocam arpa. Mas como o individuo que chega em casa distraído, vai se apoiar na parede e é mordido por uma cobra, assim vai acontecer com as autoridades de Judá e com os poderosos de Israel.

- Olhe um pouco o nosso filho – mudou de assunto a mulher – enquanto vou buscar pão para você comer.

8. À MESA DO REI

Jeroboão, filho de Joás, era um homem alto, de traços finos e nobres, olhar calmo e penetrante, testa larga e longos cabelos a cair-lhe encaracolados sobre os ombros, braços fortes e robustos de um guerreiro valente, e mãos finas e delicadas de um administrador. Seu porte era elegante e sóbrio, firme e discreto. Sua presença comunicava firmeza, segurança, dignidade.

Reclinando em seu divã, o braço esquerdo apoiado sobre a mesa enquanto a mão direita levava um pedaço de pão à travessa com molho de carne, Jeroboão falou, dirigindo-se a Amasias, o sacerdote de Betel, que estava à sua direita:

- Irei lá certamente, para oferecer um sacrifício de ação de graças. Escolherei mais tarde uma ocasião propícia. Agora estamos empenhados em organizar melhor a cobrança de impostos. É verdade que tenho em Semá um precioso colaborador, mas muitos ainda deixam de recolher a parte de seus produtos devida a erário real. Tudo é anotado em tabuletas de barro, mas temos muito ainda a aperfeiçoar em nosso sistema. Estamos em paz felizmente, nossas fronteiras estão dilatadas, mas preocupo-me também muito com Ramot de Galaad que tanto tem sofrido, tanto da parte de Damasco quanto da parte dos amonitas.

- Nós gozamos de paz e prosperidade nunca vistas em Israel – comentou Mosek-Saq. Jeú e os seus filhos foram os redentores de Israel. Há muito tempo eu não vinha a Samaria. Quantas casas de marfim nós temos nesta cidade! Quantas casas de inverno! Basta pensar no que estamos vendo e ouvindo aqui no palácio real, nós que temos hoje esta honra de participar da mesa do rei! Aí está a música suave dos tocadores de cítaras, o vinho generoso de Escol, as carnes gordas, a abundância dos alimentos, a quantidade de servos, a comodidade dos divãs, as incrustações de marfim em toda a mobília, as cortinas de veludo... a paz, a tranquilidade e o prazer que sentimos em estar aqui sem que ninguém nos moleste. Tudo isso só é possível porque o reino está nas mãos dos filhos de Jeú. – inflamou-se – Israel não tem mais fronteiras! Não há limites para a sua grandeza! Estamos na era do Israel grande! Egito e Damasco estão em decadência, a Assíria está longe... é a vez de Israel! Seremos a primeira das nações da terra! O Dia do SENHOR vai chegar!

- Para isso estamos trabalhando! – ponderou Semá, o ministro-chefe da Casa Real – É cada vez maior o número dos grandes proprietários que oferecem trabalho a inúmeros assalariados e escravos. O comércio floresce, há grandes fortunas, armazéns enormes que compram grande quantidade de trigo dos pequenos lavradores para depois revender. Com Tiro e Sidônia estamos aprendendo a ser mercadores. Quem hoje possui apenas uns poucos escravos já não pode dizer que seja rico. Há poucos dias, apenas o proprietário da casa de marfim e ébano comprou em Tiro, de uma só vez, quinze escravos. Mercadores de Gaza também sempre aparecem por aqui vendendo escravos porque sabem que aqui encontram os melhores compradores. É tudo sinal de riqueza e prosperidade.

- O que mais me preocupa, porém, - disse o rei estendendo a taça ao escravo que lhe servia o vinho – são os profetas de mau agouro, que não reconhecem a situação de paz e de progresso que atravessa o país. Eles vivem perturbando a ordem com seus oráculos aterrorizadores. Foi por isso que os chamei aqui.

Esses profetas vêm se apresentando como mensageiros de Deus e, por isso, são aceitos por boa parte do povo. Mas estão fazendo o jogo dos nossos adversários. Podem criar no povo um clima de inquietude, de desânimo e de revolta até, tornando-se capazes de subverter toda a ordem estabelecida.

Não quero acabar com a profecia de Israel, absolutamente! Não pretendo jamais fechar a boca dos inspirados do SENHOR. Mas não posso admitir que eles venham destruir o que estamos construindo com tanto sacrifício. Não foi fácil reconduzir o povo aos caminhos da ordem, da disciplina e do respeito à pessoa do rei. Mas aí é que está baseada a situação de riqueza e progresso da nação. Os nossos profetas (alguns até comem da minha mesa como Jonas, filho de Amati) não nos causam problemas. Eles sabem que Javé abençoa o rei e leva a bom termo todas as suas iniciativas. Os de Judá, que chegam a vir até aos nossos Santuários, é que podem ser tomados por um espírito mau e virem a falar contra o rei e seus ministros, pois eles aqui nada têm a perder ou ganhar. Semá, conte para os ilustres sacerdotes o que lhe aconteceu em Tera!

- Pois não, meu senhor! O tal fulano nem tinha grande aparência de profeta ou discípulo de profeta. Não tinha marcas no corpo nem olhar fixo e distante, não se fazia acompanhar de tamborins nem dança. Parecia um simples lavrador de Judá. Ele começou atacando os nossos vizinhos (certamente para chamar a

atenção), e como eu nada dissesse, passou a atacar o reino de Israel. Deixei-o falar, porque no meio de tanta gente que o ouvia eu não poderia oferecer-lhe a proteção real que ele parecia desejar para ganhar o seu pão.

- Vejam! – voltou a falar o rei – Não quero que isso aconteça. Não darei proteção e nenhum profeta de Judá, mas também não vou permitir que venham aqui dizer o que lhes vem à cabeça contra o reino de Israel. Se acaso aparecer entre os peregrinos de Judá em seus Santuários alguns desses profetas, desses visionários subversivos e incendiários, os ilustres sacerdotes, como altos funcionários do reino, têm a autoridade do rei para fazê-lo calar. Os Santuários Nacionais são uma continuação deste palácio e lá os senhores representam a própria autoridade do rei.

9. A OVELHA ESTRAÇALHADA

O sol acabava de se pôr pelas bandas das montanhas de Judá. A claridade do crepúsculo entrava pela janela e iluminava o rostinho da criança deitada no chão entre duas pedras. Um bando de pardais cantava no sicômoro ao fundo da horta. O ranger de uma carro vem se aproximando. Embora nada daquilo lhe fosse novidade, Amós chega à janela e vê uma carroça carregada de feno puxada por uma vaca. “Está atrasado – pensa ele – pois deve ser o primeiro corte, destinado ao rei. O do meu patrão já está brotando de novo”. A vaca mal pode puxar o carro, que range ao peso da carga.

Um vulto se precipita vindo do outro lado e, antes que se pudesse distinguir quem era, já estava dentro de casa o amigo Amonias. Tremia dos pés à cabeça, os olhos esbugalhados, uma sandália perdida, as vestes sujas, apresentando um rasgo bem grande, as mãos pingando sangue e agarrando dois cambitos de ovelhas.

- Que foi isso, Amonias?

- O leão! – disse ele olhando para trás, como se temesse estar sendo perseguido – o leão! o leão!

Tremia cada vez mais. Foi se assentando no chão, caindo quase, se seu amigo não o apoiasse, fazendo com que ele se sentasse com as costas apoiadas na parede. A boca entreaberta, a respiração ofegante, as pernas estendidas, braços caídos no chão, as mãos agarrando ainda aqueles restos de ovelha, a cabeça girando lentamente de um lado para o outro, olhar fixo e perdido. Assim ficou ainda por alguns instantes o nosso amigo Amonias.

- Que houve com o Amonias? – assustou-se a mulher de Amós ao entrar na sala.

- Parece que foi um leão. Vamos dar-lhe um gole de vinho.

Amonias já foi capaz de levar á boca as mãos ainda cerradas junto com as de Amós que o fazia beber um gole de vinho numa tigela de barro. Pouco a pouco foi encolhendo as pernas, acomodou-se um pouco melhor no canto da parede onde se sentara e, por fim, apoiou os braços cruzados sobre os joelhos, as mãos cerradas segurando ainda os restos da ovelha.

- Aqui o que consegui salvar: – disse ele, abrindo agora as mãos – dois cambitos e um pedaço de orelha!

- Como foi? – perguntou Amós. – Conte agora como foi tudo!

- Você deve ter ouvido o rugido do leão!... No primeiro momento fiquei com medo, mas como o rugido vinha do outro lado, pensei: O leão já achou sua presa, está ocupado com ela. Não há mais perigo!

- Pois é! A presa que ele achou era uma ovelha do meu patrão... Eu fui hoje para os lados de Engadi para que as ovelhas aproveitassem ainda um pouco da relva que cresce no deserto. Quando vinha subindo de volta, ao acabar de sair de um *wadi*, quando verificava se todas as ovelhas já tinham subido, notei que faltava uma. Ela lutava para subir a uma pedra. Quando eu começava a subir, o leão saltou sobre ela. Uma ovelhinha nova, desmamada há pouco mais de um mês, mas que estava forte e gorda. Uma ovelhinha travessa, que gostava de passar à frente das outras ou de ficar para trás e, depois, vir correndo... Olha o que eu consegui salvar! (Mostrou mais uma vez os dois pés e o pedaço da orelha e encostou ao rosto aqueles restos da ovelha como que a querer acaricia-los). Empurrei uma pedra para cima do leão, mas caí no chão, quase rolando junto com a pedra! Acho que arranhei um pouco... (E olhando seus braços, suas roupas). Ah! Rasguei o manto! Levantei-me, peguei outra pedra com as duas mãos, passei a gritar com todas as minhas forças e atirei a pedra. Essa eu acertei em cheio. Depois desci gritando e correndo com o bordão erguido. Cheguei a dar uma bordoadada no leão que fugia arrastando o restante de minha ovelha. Olha o que eu consegui recuperar! – terminou desolado.



- Foi muita a coragem sua! – comentou Amós. – A gente pega amor com esses bichinhos e nem pensa no que está fazendo para livrá-los das garras de uma fera.

- E agora? E o meu patrão, Amós? Que vou dizer a ele? Como vou poder pagar essa ovelha?

- Chegue aqui mais perto! Venha comer do meu pão! Com o patrão não deverá haver problema. Você tem aí nas mãos a prova de que a ovelha foi devorada pelo leão.

Amonias levantou-se e foi sentar-se um pouco mais adiante, ao lado de Amós que também estava sentado no chão, tendo diante de si, sobre uma pedra, a tigela de vinho, uma travessa de barro com alguns pães, um prato com molho e outro com frutos dos sicômoro.

- Pegue um pedaço de pão. Molhe aí. Beba mais um gole de vinho.

- E se o homem quiser me castigar... – falou Amonias partindo um pedaço de pão.

- Ele não pode fazer nada, eu já disse. Você tem as provas. Leve para ele esses dois cambitos e essa ponta de orelha. Ele tem de concordar!

- E se ele quiser me levar a julgamento?

- É tempo perdido. Além do mais ele não é de fazer isso não. Pode ficar tranquilo... Ele também é gente pobre... Você precisava ver o julgamento que eu assisti ontem à porta de Éfrata, quando voltava de Jerusalém. Que coisa vergonhosa!

- Falar nisso, correu tudo bem nesta peregrinação? Viu muita coisa interessante? Cumpriu os votos como pretendia?

- Nesse ponto tudo correu bem. Fizemos o que era necessário e voltamos. Mas eu falava do julgamento à porta de Éfrata. Um pobre lavrador perdeu as suas terras e tornou-se escravo de um agiota só porque atrasou um pouco o pagamento de sua dívida. E o juiz que deu ganho de causa ao agiota e aceitou presentes dele. A gente viu o par de sandálias novas, mas deve ter recebido outros também. – E contou em detalhes o julgamento.

- Dizem que no reino de Israel é pior ainda!

- Não tenho dúvidas de que Israel cairá primeiro nas mãos da Assíria. Tenho para mim que o Império Assírio é que vai executar a ordem do SENHOR para punir o seu povo. Não vai deixar sobrar nada. Ou quase nada.

- Mas o senhor Javé é fiel. Não há de abandonar inteiramente o seu povo, nem vai deixar que ele desapareça...

- Foi por isso que eu disse: quase nada. Vai ser mais ou menos como essa ovelha que você tentou salvar. Só ficarão dois cambitos e um pedaço de orelha.

É quase noite. Por economia ainda não se acendeu uma candeia. Alguém assoma à porta. É Ben-Samhá.

- *Shalom*, Ben-Samhá! Sente-se aqui para comer alguma coisa também!

- Amós, tenho um recado para você! – E, sentando-se no chão ao lado de seus dois amigos – É do seu patrão. Estive com ele agora há pouco. – Apanhando um fruto de sicômoro e levando-o à boca – Ele quer que você, depois deste sábado e da lua nova que vem logo em seguida, arranje um companheiro e vá até Basã ver o negócio de umas vacas que ele comprou lá. É para você se encontrar com ele amanhã antes de sair com as ovelhas. Então ele vai explicar melhor tudo... Saboroso este sicômoro, Amós. É dos seus? Está quase tão doce quanto o figo! Você sabe cuidar mesmo desses frutos...

- Amonias, conte a Bem-Samhá o que lhe aconteceu agora à tarde. Enquanto isso, vou acender uma luz.

Levantou-se e saiu para o compartimento contíguo para procurar uma candeia de barro e vaso de azeite.

Amós voltou com a candeia acesa e quando procurava uma saliência ou uma reentrância maior num ponto mais alto da parede onde deixar a luz, Amonias perguntava a Ben-Samhá se tinha também assistido ao julgamento de que Amós lhe falara.

- Vi! Mas que podemos fazer? Vocês dois é que só pensam nessas coisas... Nós não podemos fazer nada... Não podemos consertar o mundo... Temos o rei e seus oficiais para cuidar disso. Apesar desses casinhos insignificantes...

- Insignificantes não! – atalhou Amós – É dessa maneira que muita gente tem ficado rica: desrespeitando a lei do SENHOR, que é o advogado dos pobres.

- E se não fossem os ricos, que seria de nós pobres?! Precisamos pensar é na riqueza que existe por toda a parte, no progresso e na paz que gozamos. O dia do SENHOR há de chegar! Será um dia de luz, de felicidade completa, de uma paz sem fim. Estamos caminhando para lá. Vocês já estiveram em Samaria ou

em outras cidades de Israel? ... Casas de marfim, de pedras lavradas, e ébano... Lá não existem mais casas como essas aqui, cheias de buracos e pedras pontudas...

- O Dia do SENHOR... – comentou Amós – Será de luz?

- Eu também não acredito nisso, não! – completou Amonias.

- Vocês estão é perdendo a fé! (Amós e Amonias preferiram não retrucar.) Não estão vendo como é grande a amizade entre o nosso rei Ozias e o rei de Israel, Jeroboão, filho de Joás? Não sabem que Jeroboão está sendo considerado o Salomão do reino norte? Até onde alargou ele as fronteiras do seu reino? O que é feito de Damasco hoje? E a organização de Israel em distritos governados por um oficial de Jeroboão? O sistema de cobrança de impostos... – prosseguiu, falando com entusiasmo do luxo da corte, do poderio e riqueza dos altos funcionários, do aumento progressivo da produção, das riquezas acumuladas, etc. Por fim falou de um suposto renascimento religioso: das multidões que frequentam os santuários, das festas e sacrifícios solenes com a presença do rei e outras grandes autoridades, da participação da juventude na vida do culto especialmente nos santuários de Israel: Betel, Dã, Guilgal.. E as florescentes escolas proféticas... verdadeiras multidões cantando, dançando, louvando ao SENHOR...

Amonias levantou-se dizendo:

- Vou para a casa, pois a noite já caiu de todo, e a mulher pode estar preocupada com a minha demora.

- Eu também me vou! – ergueu-se Ben-Samhá.

Quando iam saindo, Amós tomou os restos de ovelha das mãos de Amonias e apresentando-os a Ben-Samhá sob a luz da candeia, disse:

- De tudo isso que você falou, olhe aqui o que vai sobrar!

10. OS ISMAELITAS

O sábado é o dia do repouso absoluto, que devia lembrar que Javé tinha libertado o seu povo da escravidão do Egito, do trabalho duro e pesado sob as ordens e em benefício dos outros. Era o dia do repouso e da liberdade. Passado, pois, o dia da folga e da liberdade, Amós e Amonias desceram até a Sefelá levando os seus rebanhos e com a intenção de colherem uma quantidade maior de sicômoros que deixariam em casa ao partirem para o norte. Os dois tinham de ir até Carnaim ou Basã trazer as novilhas que seu patrão comprara. Antes, porém, iriam reforçar a alimentação de suas ovelhas (na baixada ou Sefelá encontravam pastagens com maior facilidade) e também reforçar a provisão de sicômoros em suas casas.

- Quem diria que aqui em Técuá, a aldeia mais pobre de Judá, iria alguém comprar novilhas de Basã!

- Nessas montanhas secas e sem vegetação, o que é que essas vacas irão comer? Não sei... ele quer comprar, quer ficar ou parecer rico, vamos lá!...

- E se não der certo, Amós? Se começar a faltar pasto para o gado e para as nossas ovelhas? Dizem que essas vacas de Basã são fortes, criam muito, e comem demais. E as nossas ovelhas e nossas cabras?

- Aí, meu amigo, o maior engole o menor! Se não sobrar pastagens para o nosso gado miúdo, nós e ele vamos desaparecer...

- Isso não pode acontecer!

- Mas parece que é o que está acontecendo por toda a parte!...

- Não! É a primeira vez que ouço falar de gente da nossa região que compra gado de Basã...

- Não é bem disso que estou falando, Amonias! Você nunca ouviu falar da riqueza dos grandes oficiais do rei? Não vê que cada qual está querendo se tornar tão rico e poderoso quanto eles?... E quem sai perdendo em tudo isso?... O gado miúdo, nós!

- E o que se conta dos tempos passados, quando o povo pediu um rei a Samuel e ele disse, em nome do SENHOR, que o rei iria querer tomar o gado, as plantações e até as mulheres nossas... hoje... já não pode ser de outro jeito!

O terreno ia se tornando menos montanhoso, a vegetação mais abundante e já se encontravam os primeiros sicômoros da Baixada. Caminhavam mais devagar, comendo alguns frutos, parando de vez em quando para descansar e permitir às ovelhas pastarem um pouco. O sol já caminhava para o seu grande mergulho no Grande Mar. Caminhavam lentamente, quase sem falar, ocupados mais em apanhar sicômoros e guardá-los ou levá-los à boca, enquanto observavam as ovelhas que, de touceira em touceira, calmamente iam também avançando.

- Repare, Amonias, para o lado do mar, um pouco para o norte, como de vez em quando o sol ilumina uma nuvem de poeira... não fosse os raios do sol infiltrando-se nos grãos a gente nem veria a poeira...

- Deve ser alguma caravana de ismaelitas que vem de Tiro a caminho do sul.

- Vamos nos encontrar com ela? Ela traz uma nuvem de casos ou de novidades para contar. Cada caso é como um grãozinho de areia que a Palavra de Deus como o sol há de iluminar... Vamos nos encontrar com eles! Costumam parar um pouco ao norte de Maresa... Chegamos lá antes do pôr-do-sol!

Chegaram. Ali havia uma boa aguarda. O pequeno córrego que vinha se contorcendo, comprimido entre as paredes rochosas, ali se afinilava novamente entre as pedras. Uma cabra preta saía do córrego subindo a uma pedra e sacudindo a água que lhe molhava os pelos longos. Outra tinha os pés sobre uma pedra e apenas as patas e focinho tocando a água. Ovelhas brancas, uma ao lado da outra no centro da pequena bacia sorviam suavemente a água fresca. Sobre uma pedra que avançava um pouco para dentro da água, Amós observava seu rebanho matar a sede. Sobre o espelho ondulado das águas refletia-se sua imagem rude de homem do campo.



Mais ao fundo, Amonias caminhava entre as ovelhas para verificar se todas estavam ali, se já tinham bebido água, se tinham encontrado um lugar para repousar, ou por qualquer outro cuidado ou carinho de pastor.

Amós ergueu os olhos e, contra o clarão do crepúsculo que tingia de ouro as nuvens do horizonte, viu que os camelos da caravana vinham descendo a encosta. Pareciam sombras a pisar com seus passos largos as últimas luzes da tarde refletidas sobre a poeira fina do caminho. Vinham enfileirados, a corcova submersa pela carga, o pescoço longo e recurvo, a cabeça erguida como que a querer arrebatá-lo das mãos do beduíno que os conduzia. Alguns estavam amarrados pelo cabo do cabresto ao camelo que ia à frente, enquanto que à frente do primeiro da fila vinha um beduíno com o turbante a cair-lhe aos ombros, o manto longo descendo até abaixo dos joelhos, os braços cruzados sobre o peito como que a segurar algum objeto. Mais parecia um cone ou um monte de feno a caminhar contra a luz.

As últimas ovelhas deixavam o córrego após matar a sede, quando, passando respeitosamente por entre as ovelhas que já se encontravam deitadas a ruminar, os primeiros camelos iam também descendo à água. Nenhum espanto, nenhuma agressão, imperturbáveis uns e outras, como se já se conhecessem de longa data.

Assim também, como se fossem velhos amigos, a noite já caída de todo, sentados no chão em volta de um pequeno fogo, conversavam tranquilamente beduínos e pastores. Mais falavam os beduínos, os filhos de Ismael, caravaneiros de deserto, seja por saberem do interesse despertado pelo que tinham a contar, seja pelo prazer de encontrarem alguém disposto a ouvi-los.

Vinham realmente de Tiro, ou Sor, a cidade-rocha plantada dentro do Grande Mar. A cidade fenícia, rainha do comércio, da arte e das manufaturas, era uma esquina do mundo. Ali todos os povos se encontravam e, além das mercadorias, trocavam-se também notícias de toda a parte. Em Tiro tudo se podia saber. E as notícias mais constantes ali eram sobre o poderio da Assíria. A própria Tiro já sentia o peso de sua mão, pois desde há algum tempo lhe pagava tributos. Política e militarmente Tiro ainda era independente, mas economicamente já estava ligada ao grande império que vinha crescendo na banda oriental. Falava-se à boca pequena que a Assíria não iria se contentar mais com esta simples dependência econômica; pretendia mesmo subjugar ao seu domínio quantos povos ou nações pudesse.

Damasco talvez fosse a próxima vítima da Assíria. O poderoso reino arameu estava mais próximo da Assíria e teoricamente poderia fechar-lhe o caminho que leva a Tiro e Sidônia e ao Grande Mar. Esse mesmo caminho é que poderia levar os assírios até Israel e Judá e, por aí, até o decadente Império Egípcio. Sem dúvida, primeiro a Assíria teria de passar por Damasco. As notícias de lá, porém, não faziam pensar em grandes preocupações. Os arameus pareciam viver ainda do passado, das pequenas vitórias obtidas contra Israel. Da conquista de Galaad. De forma como Damasco arrasou a cidade e a reconquistou para si. Israel já tinha recuperado para si a região, e Damasco ainda se gloriava de sua conquista. Diante, porém, do que se contava da Assíria, essas pequenas lutas e batalhas pareciam até brincadeira.

- E Israel – perguntou Amós com curiosidade – é verdade que ela é hoje uma nação poderosa, que sua riqueza aumenta cada dia mais; que lá o povo goza de conforto, numa maneira semelhante ao que se conta do tempo de Salomão? Ouviram falar ou viram alguma coisa disso por lá?

- Ouvimos e vimos! Nós passamos por Israel. Estivemos em Samaria, em Siquém e em Betel.

- Por que preferiram fazer esse caminho mais longo? Só por curiosidade?

- Não! A negócios. Além de algumas mercadorias, vendemos lá um bom número de escravos sidônios. Em Samaria cada qual quer ter número maior de escravos... E é bom fazer negócios com os altos funcionários de Jeroboão... Em Betel e Siquém também se fazem bons negócios com os grandes proprietários... De fato, há muita gente rica em Israel... O mercado de escravos entre Tiro, Gaza, Edom e Israel está muito ativo. Aliás, em Bersabéia já devem estar à nossa espera alguns escravos destinados a Edom. Edom é também um bom comprador...

- É um comércio vergonhoso! – comentou Amonias.

- De fato! – disse o beduíno quase a desculpar-se. – Os edomitas sentem verdadeiro prazer em comprar escravos oriundos da terra de Judá.

- Os filhos de Esaú – completou Amós – fazem tudo para nos humilhar. Seu ódio contra nós é eterno! Mas contem o que viram em Israel.

- Muita riqueza e muito luxo! Mas, a nós que somos gente do deserto, que não moramos em casas, mas em barracas, viajando de um lugar para outro, para nós que não temos para nos defender outra coisa que

não seja a união e a solidariedade dos irmãos do mesmo sangue, a nós o que mais impressionou em Israel foi vermos um irmão vendendo o outro como escravo. Sentimos que em cada lugar os anciãos-conselheiros julgam de maneira estranha... as nossas leis são diferentes... exigem solidariedade entre todos, proteção ao menor, ao desamparado, ao mais fraco...

- A Lei do SENHOR nosso Deus também protege o mais fraco e o desamparado! – respondeu Amonias com ardor, sentindo nas palavras do beduíno uma resposta à acusação que fizera ao seu comércio de escravos. – A lei do nosso Deus também está fundamentada na fraternidade entre todos!

Mais interessado nos fatos e tentando restabelecer o clima de confiança, Amós insistiu:

- Contem! Contem o que viram e sentiram! Aqui em Judá também acontecem coisas como estas! – lembrou o julgamento que assistira à porta de Éfrata.

- Negociar em Israel não é fácil! Eles enganam a qualquer um. Têm pesos e medidas para comprar e pesos e medidas para vender. Há muita riqueza, sem dúvida. Casas de ébano, camas e sofás de marfim. Conhecemos um rico comerciante que tem em sua casa as portas, portais e toda a parte de madeira toda em ébano com incrustações de marfim. Mas vimos esse comerciante trocando os pesos para vender o refugo do trigo a uma pobre viúva... Cada dia selecionam mais seus vinhedos, procurando melhorar sempre o sabor de seus vinhos. Entre as mercadorias que trouxemos de Tiro para as cidades de Israel, o que mais vendemos foram artigos de vidro: taças e jarros.

- E ninguém diz nada? Ninguém fala contra essa situação? – interessou-se Amós.

- Ouvimos alguém falando. Onde foi mesmo? – perguntou o ismaelita aos seus companheiros.

- Foi em Samaria mesmo. Falava em Lodabar e Carnaim.

- Sim! Era um de nome Jonas, filho de Amati. Falava das conquistas de Jeroboão que conseguiu recuperar para Israel a região de Basã.

- Nós devemos ir para lá nos próximos dias!

- Dizem que as batalhas de Lodabar e de Carnaim foram mesmo espetaculares. Jeroboão foi de uma habilidade sem igual. Lá em Samaria quase só se fala nisso...

- Mas da violência ninguém fala... – protestou Amós.

- Que violência? Guerra tem mesmo de ser violenta!

- A violência dos grandes contra os pequenos: a exploração, injustiça, os juízes que se vendem por dinheiro... Disso ninguém fala!

- E pode falar? Comentários a gente ouve, mas em público ninguém diz nada. Quem vai querer criar caso com o rei e seus ministros?

11. O CONFRONTO EM TERSA

- Você não estava conosco, Amonias, quando aquele indivíduo, à porta do Templo de Jerusalém, falava das sete glórias de Israel, colocando destaque a paz entre Israel e Judá! Aquilo me impressionou!

- Ele te convenceu?...

- Não lhe retruquei na hora, porque minha mulher e Ben-Samhá não deixaram! O que me impressionou foi a sua maneira de falar de uma forma bonita para dizer coisas tão contrárias ao pensamento do SENHOR. Ben-Samhá é engraçado: fala tanto em Javé nosso Deus, é um homem piedoso e fiel, mas parece cego. Não vê o que acontece, não entende o que o SENHOR fala. Parece não conhecer a misericórdia e a fidelidade de Javé nosso Deus; aceita as injustiças dos homens como coisa normal.

- Que disse ele a respeito do tal profeta de Jerusalém?

- Concordou inteiramente! Aliás, essa gente de escola profética não me engana. Quando eles acham bonito, quando se empolgam, quando ficam emocionados, aceitam tudo, o maior absurdo que se lhes disser! Não percebem o que está certo ou errado, parecem alucinados, parecem esses bichinhos que, quando à noite você acende uma candeia, vão de encontro à luz e morrem. Para convencê-los de alguma coisa basta que se provoque neles uma grande emoção usando o nome de Javé. Não querem a verdade dos fatos, preferem a comoção. Só têm vísceras para se emocionar e não têm coração para pensar... Enganam-se e enganam os outros... Falar bonito não é difícil, o difícil..

- Viu quanta gente havia em Betel?

- Para adorar o novilho dourado!

- É o pedestal de Javé!

- Não acredito que o SENHOR nosso Deus vá tomar assento num prostíbulo!

- Por que essa blasfêmia agora, Amós?!

- Não viu as jovens à porta do Santuário? Não reparou como olhavam para nós?...

- De fato... eu não tinha pensado nisso... Será verdade?!

- Será que você também está ficando cego?

- Não viu quanta gente vai lá se prostrar diante do altar do SENHOR?! E não são só *Am-haares* como nós. Vão também ricos proprietários, comerciantes e altos funcionários do reino. Pelas vestes dá para ver...

- Tudo falso! Só aparência! Como as placas de ouro que cobrem o bezerro de madeira. E por virem se prostrar diante desses altares, não deixam de ser agiotas, ladrões, assassinos, adúlteros, aproveitadores dos inocentes... O SENHOR não vai deixar sem castigo tanta falsidade...



Chegavam a Tersa. A antiga capital do reino de Israel fica num profundo vale por onde passa o caminho entre Siquém e Betsã e, de onde, outro caminho segue o *wadi* Fariá até o Jordão, dali alcançando Sucot e Fanuel. A fim de proteger o acesso à sua capital, Jeroboão I, o fundador do reino de Israel, tinha fortificado Siquém e Fanuel, mas nem assim Tersa deixou de ser uma cidade extremamente vulnerável.

Foi por isso mesmo que Omri transferiu a capital para a região montanhosa mais ao centro do país. Tersa é uma cidade antiquíssima, mas em franca decadência desde a mudança da capital. Poucos vestígios restam depois do seu quase abandono, ficou lá o palácio inacabado de Omri.

Transpondo um pequeno canal, a extremidade do *wadi* Fariá, Amós dizia a seu companheiro:

- Já tenho em mente o crime de quatro nações: Damasco, Gaza, Tiro e Edom. Falta-me escolher apenas mais duas nações. A sétima será Israel.

- Temos também Amon e Moab! Você está querendo falar de sete crimes em oposição às sete glórias cantadas pelo profeta de Jerusalém?

- Bem lembradas Amon e Moab! Os amonitas rasgaram o ventre das mulheres grávidas de Galaad, os moabitas queimaram até as cinzas os ossos do rei de Edom a fim de perturbar lhe o espírito até depois de morto. Já tenho seis. O sétimo será o crime de Israel. Não é um crime apenas, são vários.

- Você pretende falar disso de novo? Não tem medo?

- Medo? Tenho. Muito! Os grandes de Israel não vão gostar do que eu vou dizer. Tenho medo. Mas não posso calar. É o SENHOR quem fala!

- Você está querendo se fazer de profeta?!

- Se é o SENHOR quem fala, quem aguenta ficar calado? Quem pode deixar de ser profeta? Sou um homem da roça, pastor de ovelhas, agora vaqueiro, e talhador de sicômoros, mas não posso deixar de falar!

- Mas não será imprudência falar aqui dos crimes de Israel?... Deixe para falar disso quando voltarmos, em Judá, nossa terra!

- É preciso que Israel escute a Palavra do SENHOR! Não importa o que poderá acontecer comigo. O que importa é que a verdade seja dita onde precisa ser dita! Se o leão ruge, quem não fica com medo? O SENHOR é quem fala, como posso me calar? Se eu tenho medo dos homens, mais medo tenho do SENHOR Deus!

Já entravam na cidade. Na praça onde se alargavam as ruas e vielas que desembocavam na porta da cidade, a discussão entre Amós e Amonias começava a chamar a atenção dos transeuntes. Eram comerciantes, compradores, desocupados, lavradores que voltaram da roça, toda uma pequena multidão.

- Mas você aqui é um estranho, um estrangeiro mesmo! – dizia Amonias, tentando conter o seu amigo. – Você veio de Judá, deixe que alguém de Israel mesmo anuncie a Palavra do SENHOR!

- E em Israel existe profeta? Se existem estão calados. Eles lhes tapam a boca com ameaças ou com pão que lhes oferecem... E não está em Jerusalém, no monte Sião, a verdadeira habitação de Javé? De onde poderia falar, senão de lá?

Era grande o número de curiosos em torno dos dois. Amós subiu à mureta que serve de banco à porta da cidade e ergueu a voz, dirigindo-se agora a todos:

- Javé ruge em Sião! De Jerusalém faz ouvir o seu grito! Gemem as barracas dos pastores, seca até o pico do Carmelo.

Mal começara a falar, ouve-se um tropel. Montando uma mula castanha entra na cidade numa figura imponente que se faz acompanhar de outros cinco cavaleiros, trazendo todos uma espada à cintura e garbo militar ao cavalgar. Um murmúrio percorre a multidão aglomerada em volta de Amós:

- É Semá, o ministro chefe da Casa Real de Jeroboão, o nosso rei.

Amonias, ao ouvir quem era o personagem, sente um calafrio percorrer lhe a espinha e tenta avidamente se reaproximar de seu amigo a fim de dissuadi-lo de continuar falando. Mas Amós prossegue imperturbável:

- Isto diz o SENHOR: Damasco tinha três crimes e agora tem quatro. Por isso é que não vou perdoar: pois eles esmoeram Galaad com uma grade de ferro. Mas eu perei fogo no palácio de Hazael, incendeio o palácio de Ben-Adad. Arrebento os ferrolhos de Damasco, elimino quem estiver no trono em Biceat-Áven, o dono do poder em Bet-Édem; e o povo arameu irá cativo para Quir. Falou o SENHOR Deus!

A um sinal de Semá, toda a comitiva se coloca no espaço ainda livre ao fundo da pracinha, a fim de ouvir o que tem a dizer aquele profeta que parece acusar os inimigos de Israel pelas suas atrocidades nas guerras. É um homem simples, da roça. Mas sempre é bom ouvir a gente simples do povo, sentir como é grande o entusiasmo popular pela boa administração de Jeroboão filho de Joás.

Amós continuava:

- Gaza tinha três crimes e agora tem quatro, por isso é que eu não vou perdoar! Eles fizeram cativo um povo inteiro para entregá-lo a Edom! Mas eu perei fogo nas muralhas de Gaza até queimar todos os palácios. Elimino quem estiver no trono em Azoto, o dono do poder em Ascalon! Volto a minha mão contra Egron, liquida-se o que sobrar dos filisteus.

- Bom! Muito bom! – ouviu-se o aplauso do povo.

- Tiro tinha três crimes e agora tem quatro, por isso não vou perdoar. Eles também fizeram cativo um povo inteiro, a fim de vendê-lo a Edom, sem respirar o trato de irmãos. Mas eu perei fogo nas muralhas de Tiro até queimar todos os palácios.

Amonias já está bem perto de Amós. Pode sussurrar-lhe qualquer coisa sem que a maioria das pessoas o perceba. Por um momento percebe no alto funcionário de Jeroboão um ar de benevolência para com o seu amigo. Quem sabe lhe queira até oferecer algum presente ou alguma regalia. Mas, e se Amós falar de Israel?... Amós já falava da quarta nação:

- Edom tinha três crimes, agora são quatro, e é por isso que eu não vou perdoar, pois eles perseguiram seus irmãos de espada em punho, sem ouvir a voz do sangue fraterno; acenderam sua raiva para sempre e guardaram um ódio eterno. Pois eu porei fogo em Temã até queimar os palácios de Bosra. Falou o SENHOR! (E vinha a quinta nação). Isto aqui também fala o SENHOR: A nação de Amon tinha três crimes e agora tem quatro, e é por isso que eu não vou perdoar, pois eles rasgaram a barriga das mulheres grávidas de Galaad, só para alargar suas fronteiras. Pois (Semá por pouco não conteve uma palavra de aplauso) eu porei fogo nas muralhas de Rabá até queimar todos os seus palácios, com gritos de guerra no dia da batalha...

Semá não se conteve e interrompeu:

- Por nossas mãos é que o senhor puniu os filhos de Amon!

Amós, imperturbável, prosseguia:

...como um vendaval de um dia de tempestade. O seu rei irá para o cativo, ele e seus generais todos juntos.

Sentindo a aprovação de Semá, Amonias ficou mais preocupado ainda. Um tremor lhe percorre novamente o corpo. Uma ideia:

- Amós, - sussurra – no final fale de Judá, não de Israel! Fale de Judá! Fale de Judá!

Surge a sexta nação:

- Moab tinha três crimes e agora são quatro. E é por isso que eu não vou perdoar! Eles queimaram até às cinzas os ossos do rei de Edom; mas eu porei fogo em Moab...

Amonias sugere já quase em voz alta:

- A sétima é Judá! Judá! Não Israel! Judá! Judá!

E Amós:

...para queimar os palácios de Cariot. Moab vai morrer em meio ao barulho, entre os gritos de guerra e o som de corneta. Vou eliminar...

Semá muda de posição na sela. A atenção de todos se faz maior: está terminando o oráculo contra a sexta nação. A expectativa se concentra em saber qual será a sétima.

- Judá! Judá! – tenta ainda sugerir Amonias.

...falou o SENHOR Deus! – terminava Amós.

Uma pausa. O silêncio é total. Os olhares de todos se voltam para o humilde pastor e talhador de sicômoros da mais pobre aldeia de Judá. Amonias está pálido e frio. O silêncio não lhe permite sugerir mais nada. Amós prossegue pausadamente:

- Assim diz o SENHOR: Se três crimes tinha Israel, agora...

Uma exclamação de ódio, de espanto ou de admiração só é abafada pela presença de Semá. A multidão permanece estática. Ninguém ousa mover sequer os olhos. Apenas um dos companheiros do ministro de Jeroboão faz sua montaria dar uns passos para frente a fim de falar com o seu chefe:

- Semá, o que vamos fazer com este homem? Mandá-lo calar e voltar imediatamente para a sua terra?

- Deixa! – diz Semá mais com o aceno do que com a voz. – Vamos ver até onde ele quer chegar. Deve estar querendo a proteção real. É um simples *Am-haares* de Judá. Expulsá-lo seria mais complicado. Deixa que eu lhe dou uma lição!

A movimentação não passou despercebida. Baixa um pouco a tensão que pesava sobre a plateia. Apenas Amós não se altera:

- Pois vendem o justo por dinheiro,
o necessitado por um par de sandálias;
arrancam o couro dos pobres
e desviam os humildes do bom caminho!

Um indivíduo e o próprio pai
dormem juntos com a mesma mulher
profanando assim o meu nome santo!
É em roupas penhoradas que eles se prostram
diante de qualquer altar.

É o vinho dos juros que eles bebem
no templo do seu deus.
Mas fui eu quem à frente deles
derrotou os amorreus,
que eram altos como cedros do Líbano,
e fortes como os carvalhos;
pois eu lhes cortei os frutos por cima
e as raízes por baixo.
Escolhi profetas entre os seus filhos,
Narizes entre os seus meninos.
E não foi assim mesmo, gente de Israel?

A pergunta ficou no ar sem resposta. Amós estava impassível. E continuou:

- Mas você fizeram os *nazires* beberem vinho
e taparam a boca dos profetas.

Semá abriu um sorriso irônico e fez seu cavalo adiantar-se um pouco, ameaçando pisoar os que estavam à sua frente.

Amós prosseguia:

- Pois vou pisar nos seus pés
como uma carroça carregada de feno
que pisa um punhado de trigo!
E a fuga fugirá do esperto,
a força do valente não lhe valerá
nem o forte escapa da morte!
O arqueiro não fica de pé,
não escapa o ligeiro de pernas
e nem o cavaleiro salva a sua vida!
O mais corajoso dos guerreiros
fugirá nu naquele dia! Falou o SENHOR!

Em meio ao silêncio assustado e medroso que se seguiu, Semá ergueu a sua voz:

- Olha, visionário de mau agouro! Não pense que eu vá lhe oferecer a proteção do rei para fazer mudar o sentido das palavras que acabou de pronunciar... Se você quer ganhar o seu pão sem trabalhar, arranje outro meio ou vá fazer-se de profeta na sua terra... Eu não tenho tempo a perder com você!

Sem esperar qualquer resposta, fustigou o animal, entrando apressadamente pela rua do palácio inacabado de Omri.

Com a saída apressada de Semá, ninguém teve coragem para sair do lugar e dizer qualquer coisa. Amonias pensou logo em convidar Amós para sair imediatamente daquele lugar. Talvez, se aproveitassem o susto de que todos ainda estavam tomados, poderiam sair sem serem notados. Ia se dirigir-se ao amigo, quando ele resolveu falar mais um pouco:

- Escutem bem o que diz o SENHOR:

Vou falar das tribos que tirei do Egito.

De todas as tribos do mundo,

você foi a única que eu fiz questão de conhecer.

É por isso que vou cobrar todos os seus pecados!

Duas pessoas andam juntas, sem terem antes combinado?

- Não! – responderam alguns.

- Mia o bicho no mato sem ter nada pra atacar?

- Não! – já quase todos responderam.

- Solta o leão o seu rugido sem ter o que pegar?

- Não!
 - Cai o pássaro no chão sem o laço da armadilha?
 - Não!
 - Vai o laço para o ar sem pegar coisa alguma?
 - Não!
 - Tocam a trombeta na cidade e o povo não se assusta?
 - Sim! Todos se assustam!
 - Ruge o leão, quem não fica com medo?
- Javé é quem fala, quem aguenta não ser profeta?
- Se é ele quem fala – ouve-se uma voz no meio da pequena multidão – o homem não pode se recusar a falar e tornar-se profeta!
- Mandem, pois, um recado – continuou Amós – aos palácios da Assíria e também aos palácios do país do Egito. Digam aos poderosos para virem se reunir nas montanhas de Samaria, a ver quanta desordem ali existe, quanta injustiça há instalada em seu meio! Não sabem viver com honestidade, só se enriquecem de injustiça e exploração! Por isso é que assim diz o SENHOR: Os inimigos hão de cercar o teu país, tua segurança cairá de uma vez e teus palácios serão todos saqueados. Os moradores de Samaria que escaparam serão como a tábua de uma cama ou um trapo de damasco de um sofá.

Em conversa animada acompanhada de risinhos fúteis e maliciosos, ia entrando na cidade um grupo de mulheres. Lançavam os olhares por todos os lados, sorriam ironicamente, conversavam entre si e voltavam a sorrir. Sem manto, vestiam longas túnicas a se arrastarem pelo chão, e estavam ornadas de colares, pulseiras, anéis, brincos, pingentes na testa, diademas e mantilhas. Denotando desprezo por aquela gente humilde reunida à porta da cidade, passavam uma atrás da outra bem rente à muralha da cidade. Nesse momento, um comerciante que estava próximo a Amós o interrompia:

- Isso não pode ser! Javé está conosco! Somos à família de Jacó, o escolhido do SENHOR, e nós o adoramos nos altares de Betel. Javé nos abençoa e a nação está cada vez mais rica e poderosa!

Amós responde:

- Gritem e mostrem a família de Jacó: No dia de eu cobrar os pecados de Israel, (as mulheres pararam curiosas) vou olhar para os altares de Betel: as pontas dos altares serão quebradas e por terra cairão! Vou derrubar a casa de inverno por cima da casa de verão. Serão destruídas as casas de ébano!

Rindo ironicamente, uma das mulheres comentou falando mais alto do que pretendia:

- De certo fala assim porque ele mesmo mora numa caverna e nem tem o que comer...

Amós dirigiu-se, então, a elas:

- Escutem esta palavra, vacas de Basã que moram nas montanhas de Samaria, que assaltam os pobres e esmagam os humildes, que só sabem dizer aos maridos: “Traz! Vamos beber!”
- O SENHOR Deus jura por sua própria santidade

que para vocês há de chegar o dia
em que serão tocadas com varas de ferrão,
seus traseiros com o farpão de pescador.
Terão de passar uma atrás da outra
pela brecha da muralha
e para além do Hermon serão levadas.
Falou o SENHOR Deus!

Só então tiveram fôlego para responder:

- Não podemos tolerar esses insultos! Vamos falar com os nossos maridos!...

- Esse tagarela deve ser punido e já!

Armada a confusão, Amós escapou com seu amigo Amonias.

12. BETEL

El é o nome próprio da principal divindade dos cananeus; para os filhos de Jacó, porém, que vieram morar na terra de Canaã, El passou a ser substantivo comum, nome genérico para designar qualquer divindade ou ser superior. Betel significa, pois, casa de Deus ou casa de divindade; mas na religião popular dos israelitas Betel acabou tornando-se mais um apelativo de Deus.

Como nome de lugar, Betel designava um local de culto antiquíssimo a oriente da cidade de Luza, à beira do caminho entre Jerusalém e Siquém. Tal foi a importância do Santuário de Betel. Contava a tradição que, muito antes de seus filhos virem morar naquela região, Jacó já tinha visto ali, em sonhos, a porta do céu. Até o próprio Abraão, pai pela fé e pelo sangue de todos os hebreus, tinha ali armado a sua tenda e erguido um olhar para o Deus que procurava. O lugar tinha, pois, como lugar de culto, uma tradição bem mais antiga do que Jerusalém. E não era apenas um santuário de El ou qualquer divindade; ali o próprio Javé, “o Deus dos nossos pais”, já tinha se manifestado a eles.

Salomão tinha construído o famoso Templo de Jerusalém a fim de, pela fé, trazer todos os filhos de Israel à porta do seu palácio. Quando, porém, com Jeroboão filho de Nabat, o reino de Israel se separou de Judá, Betel ficou bem próxima à fronteira entre os dois reinos, exatamente no caminho que levava a Jerusalém.

Não foi, pois, sem razão que Jeroboão cuidou logo de incentivar as mais antigas tradições religiosas do povo, instalando em Betel um Santuário Nacional onde se poderia adorar Javé “o Deus de nossos pais” da mesma forma como se fazia em Jerusalém. Ninguém mais precisaria ir lá, à porta do palácio dos filhos de Davi, para cultuar e adorar a Deus.

Em Jerusalém adorava-se Javé, que tinha seu trono ou o apoio dos seus pés entre os querubins, duas imagens aladas que ficavam sobre o “propiciatório”, a tampa da Arca da Aliança. Ela ficava encerrada no *Debir*, o mais santo dos lugares. O povo não via o local da presença do SENHOR, já que a Arca permanecia trancada e não mais saía em procissão à frente do exército ou do povo que lutava. A Arca, o lugar da presença de Javé, morava definitivamente na casa do rei e não era vista pelo povo.

Em Betel não! Aqui Jeroboão filho de Nabat resolveu renovar também uma antiga tradição de colocar a presença de Javé em cima do novilho dourado à vista de todo o povo. Tudo isso ajudaria a impedir que o povo fosse a Jerusalém e acabasse sentindo-se tentado a buscar uma unidade política sob o governo dos filhos de Davi.

Na época de Amós e de Jeroboão filho de Joás de Israel, o Santuário Nacional de Betel está no auge do seu esplendor. Vive repleto de peregrinos não só do reino de Israel, mas também de Judá. Aliás, nada poderia impedir essa movimentação de um reino para outro, pois era grande a paz e a amizade entre os reinos irmãos. Jeroboão filho de Joás dá toda a força a Betel. O próprio rei vai ao Santuário oferecer seus holocaustos (quando a carne toda de um animal é queimada sobre o altar) ou sacrifícios de comunhão (quando, assada, essa carne é partilhada entre os participantes). Quando é o rei quem vai officiar os sacrifícios, o Santuário Nacional toma nova evidência e multiplicam-se os peregrinos. Tudo concorre para aumentar a euforia generalizada que percorre toda a nação: “Deus está conosco!” é a situação ideal, “O Dia do SENHOR”, o futuro luminoso e tão esperado está chegando, é hoje, é agora!

- Vamos até Betel, Amonias! Ficamos lá o sábado e a lua nova que cai no primeiro dia da semana. Dois dias: será uma boa ocasião para eu anunciar mais alguma coisa do que o SENHOR me diz. Certamente estará lá muita gente cultuando o bezerro dourado de Jeroboão.

- Vou escrever o que você falou em Tersa!

- Escreva mesmo, que eu não aprendi as letras e essas palavras não são minhas, mas do SENHOR Javé que fala dentro de mim.

- Mas agora tenha cuidado, Amós! Não vá provocar o Sacerdote de Betel nem outros altos funcionários do rei que talvez estejam lá!

- Não pense que eu tenha prazer em fustigar os grandes... além disso, tenho muito medo deles. Porém, tenho mais medo de Javé. Ele é que pode fazer a terra tremer, ele é que provoca as águas para alagarem a terra, ele é que faz a seca destruir todas as nossas plantações. Prefiro obedecer a Javé, dar ouvidos à sua voz que obedecer a esses, por mais poderosos que sejam, que me querem fazer calar.

- Então vamos! Quero gravar na minha memória todas as suas palavras.

Dois dias antes do sábado eles partiram. Em Berot, já quase em território de Israel, após comerem os últimos sicômoros que haviam trazido, deitaram-se à sombra de uma árvore para descansar um pouco, enquanto passava a hora do calor mais forte do dia. Era a véspera do sábado, por volta do meio-dia. Betel já estava bem próxima. Ali diante dos seus olhos, logo após aquela curva do caminho, estava a nação-irmã, as dez tribos de Israel que tinham sacudido o jugo de Judá e formavam um estado independente. Ali só se falava em prosperidade, conforto e riqueza.

Figos, jamais sicômoros, romãs, tâmaras, maçãs... que variedade de frutas deveriam comer os grandes de Israel! Vinhos selecionados, jarras de vidro, divãs para se reclinar e não ter de se sentar no chão como eles... E os pequenos, os pobres, que iam perdendo o seu pão de cada dia para que os grandes, os ricos, aumentassem o seu luxo?... Adormeceram. Um cesto como o daquele homem à porta de Masfá. Cheio de frutas. Romãs, figos, tâmaras... os figos estavam se derretendo. De fazer água na boca. Frutas maduras, apetitosas, pedindo para serem devoradas... Amós desperta em sobressaltos:

- Amonias! Amonias! Vamos! Está na hora!

- Por que tanto pressa? – respondeu Amonias despertando. – O sol ainda vai alto!

- Israel está maduro! Vamos antes que ele vá para o cativeiro.

- Você está delirando, Amós! Acorda primeiro!

- Ah! Sim! Vi uma cesta de frutas maduras, apetitosas. O SENHOR me diz que assim está Israel: maduro, bem maduro, pronto para ser devorado pelos assírios.

- Maduro... assírios...! Acorda, homem! Você parece que ainda está dormindo!

- Abra você os olhos para a realidade! Mesmo em meus pesadelos, eu estou de olhos bem abertos...

- Não entendi...

- Veja: Assur é que está cada vez mais poderoso e cada dia vai subjugando outro povo. O SENHOR o está mostrando claramente. É pelas mãos da Assíria que irá punir Israel!

- Infelizes os povos conquistados pelos assírios. Se isso acontecer mesmo, eles vão levar todos os principais do povo de Israel para uma terra estranha e impura, a fim de impedir qualquer resistência dentro país. Só costumam deixar em sua própria terra os pobres, os humildes, os que não têm meios nem forças para lutar ou tentar qualquer reação...

- Repare como tudo isso se faz pela mão do SENHOR, que não pode ver mais tanta injustiça, tanta exploração no meio do seu povo! Exatamente aqueles que se enriqueceram à custa do suor dos pobres é que irão primeiro... Ou você acha que eu não pensava nisso, quando disse àquelas mulheres dos altos funcionários lá em Tera, que elas vão ter de passar uma atrás das outras pela brecha da muralha, tocadas como gado que se leva para o matadouro?

Ao entrarem no território de Israel, a cidade de Betel um pouco além, à direita do caminho, eles veem um grande número de pessoas que vão chegando à entrada da cidade. Não esperavam encontrar peregrinações tão numerosas. Ali os peregrinos fazem uma pequena pausa e preparam-se para entrar na

cidade em melhor ordem e cantando salmos. Amós e Amonias passam entre eles e, mesmo sem querer, ouvem o que conversam enquanto os tocadores de lira preparam-se e o cortejo se organiza.

- Eu volto logo para Siquém, tive de fechar o empório para poder vir...

- Depois de um sábado seguido da lua nova, aumenta bem o movimento...

- Não espero o fim da lua nova, ao declinar do dia já quero estar em casa para abrir...

- Quem abre primeiro vende mais... Está bom para negociar com o trigo... Compram até a soca...

Hoje não se joga nada fora! Podemos até aumentar o preço e diminuir as medidas...

- Peregrinos de Judá? Peregrinos de Judá! – foram logo reconhecidos.

E todos ao mesmo tempo queriam lhes fazer perguntas sem ao menos dar tempo para que tentassem responder:

- Vocês vieram mesmo só para ver o nosso rei sacrificar em Betel? Como souberam que ele viria?

Ozias não costuma sacrificar em Jerusalém? Vocês não gostam de lá? Preferem vir aos Santuários de Israel?

Em Judá só se pode adorar em Jerusalém.. Vocês estão querendo variar um pouco também? Conhecer novos lugares, outras pessoas...? Nós aqui podemos fazer peregrinações a Guilgal, Betel, Bersabéia, Dã... Temos muitos lugares onde cumprir os nossos votos... oferecer nossos donativos para que o SENHOR nos seja propício e tudo corra bem para nós... Nós estamos bem! É bom variar um pouco.

- Agora escutem todos a música das liras! Todos cantando ao entrar na cidade!

Amós não se conteve mais:

- Vão a Betel para pecar! – Os tocadores de lira pararam assustados.

Façam romarias a Guilgal para pecar melhor ainda!

Ofereçam de manhã os seus sacrifícios!

Levem ao terceiro dia as suas oferendas!

Queimam com pão os seus sacrifícios de louvor!

Anunciem os seus votos, publiquem bastante!

É disso mesmo que vocês gostam, gente de Israel!

- O peregrino de Judá está se fazendo de profeta! Toquem a lira, para ele dançar! Ritmo nos tamborins! Força nos címbalos! Animação nos chocalhos!

- Isto diz o SENHOR: Eu sou contra, detesto, as festas de vocês!

Quando vocês me queimam seus holocaustos... – Os tocadores de lira iniciavam alguns acordes, o ritmo dos tamborins e dos chocalhos aumentava, o barulho dos címbalos ou pratos ia se tornando ensurdecedor.

- Eh! Você não veio aqui para cumprir um voto? Dança! Dança! Dança!

Mas Amós prosseguia imperturbável, seguro, firme, fazendo calar pouco a pouco todas as vozes e também os instrumentos:

- Seus sacrifícios não me agradam!

Nem olho para as oferendas gordas!

O SENHOR é quem fala!

Tirem da minha presença o barulho dos seus cânticos!

Não quero ouvir a música de suas liras!

Quero ver, sim, o direito brotar feito mina,

correr a justiça como bica que não seca!

Por acaso, vocês fizeram oferendas

ou me ofereceram sacrifícios

nos quarenta anos de deserto, gente de Israel?

- Não! No deserto não havia sacrifícios!

- Pois agora terão de carregar Sacut, o deus do novo rei de vocês,

e também Caivã, imagens dos seus deuses estrelas,

que para uso próprio vocês mesmos terão feito.

Porque eu vou levá-los para o cativeiro,

para muito além de Damasco!

Outros grupos de peregrinos iam chegando, pois, ao iniciar o sábado, todos queriam estar em Betel. Alguém fez notar quanta gente chegava a Betel:

- Repare bem, peregrino de Judá, como nós aqui em Israel procuramos o SENHOR, nosso Deus. Javé não vai nos abandonar! Ele nunca há de nos entregar nas mãos dos estrangeiros, ele que nos escolheu para

seu povo, e sempre esteve conosco!... Nós aqui adoramos a Javé, não a esses deuses assírios que você falou...

- Pois eu deixei limpos os seus dentes
em todas as suas cidades,
de todos os lugares retirei o pão;
nem mesmo assim, para mim vocês voltaram!
Fala o SENHOR Javé!

(Todos ficam mais atentos).

De vocês eu escondi a chuva
três meses antes da colheita.
Eu mandava chover numa cidade,
e na outra eu não fazia chover;
numa roça eu mandava chover
e a outra, onde não chovia, secava.
Duas ou três cidades iam cambaleando
beber água em outra cidade,
sem conseguir matar a sua sede!
Nem mesmo assim, para mim vocês voltaram!

(O refrão e a lembrança de fatos recentes prendem a atenção de todos).

Com carvão e ferrugem do trigo
eu os castiguei;
sequei suas hortas e lavouras de uva;
suas figueiras e oliveiras o gafanhoto comeu.
Nem mesmo assim, para mim vocês voltaram!
Uma peste eu lhes mandei
igual às pragas do Egito;
matei seus soldados à espada
e os cavalos foram levados pelo inimigo.
Fiz subir as narinas de vocês
o fedor do seu acampamento!
Nem mesmo assim, para mim vocês voltaram!
O SENHOR é quem fala!
Eu revirei vocês de cabeça para baixo
como fez Deus com Sodoma e Gomorra
e vocês ficaram como um tição fora do fogo!
Nem mesmo assim, para mim vocês voltaram!
Pois é isso o que vou fazer contigo, Israel!
Prepara-te, pois, para ir ao encontro do teu Deus!
Para vocês poderem continuar vivos,
procurem a mim, não procurem Betel!

- Blasfêmia! – gritou alguém – Se nós viemos a Betel foi para procurar o SENHOR Javé! O laçai dos filhos de Davi está querendo nos insultar!

Amós seguia:

- Não façam romarias a Guilgal!
Não corram para Bersabéia!
Guilgal galopa para o cativo!

- Quem? Quem? Quem há de vencer a maior de todas as nações? Quem?

- Betel vira besteira!
Procurem o SENHOR e vocês continuarão vivos!
Senão, ele virá como fogo sobre a gente de José,
para tudo queimar;
e em Betel não haverá quem o apague!

Ricos comerciantes iam se afastando, querendo demonstrar desinteresse ou desprezo. Da gente pobre, humilde, alguns poucos estavam atentos, pendurados aos lábios de Amós; a maioria, porém, não sabia o que pensar e não eram poucos os que já estavam com pedras nas mãos, ameaçando apedrejá-lo.

13. O DIA DO SENHOR

Amós ia terminando de falar, quando dois cavaleiros passaram a galope, e a atenção do público é desviada.

- É o *Mazkir* de Jeroboão com o seu escudeiro! – foram logo identificados.

O rei não demoraria a chegar. Todos se apressam a entrar na cidade a fim de escolher um bom lugar onde fosse possível ver melhor a passagem do cortejo real. Por último de todos, Amós e Amonias também se dispunham a entrar na cidade, quando os dois cavaleiros vêm saindo no mesmo galope.

- Jeroboão estará mesmo aqui com toda a sua corte. Amós, você não esperava encontrar aqui o rei de Israel e os altos funcionários do seu palácio, ou esperava?

- Javé os está mandando ao nosso encontro para que possam ouvir o que ele tem a dizer-lhes.

O sol começava a se esconder por detrás das montanhas de Efraim quando, precedido pelo *Mazkir* e seu escudeiro, entrava em Betel o cortejo real. Duas alas de *rasim*, corredores da guarda real, portando escudos de bronze, faziam com que a multidão se acotovelasse rente às casas para dar passagem ao rei. De tempos em tempos o *Mazkir* olhava para trás, a ver se estava tudo em ordem, cada qual no seu lugar. No centro, entre as duas alas de guardas reais, vinha Jeroboão filho de Joás ladeado pelo seu escudeiro. Logo atrás vinha o Mestre do Palácio, ou Ministro-chefe da Casa Real. Amonias logo o reconheceu:

- Não é aquele o alto funcionário de Jeroboão que nós encontramos em Tersa? É sim! É Semá!

Mais atrás, fechando o cortejo, vinham os *sarisim* ou funcionários da corte e, por fim, os tocadores de lira e os cantores. O povo não se cansava de admirar e parecia feliz por ver a face do seu rei. À medida que o cortejo ia passando, o povo ia se aglomerando atrás dos músicos e cantores na expectativa de ver a chegada do rei ao Santuário e à casa do sacerdote que lhe era contígua.

O sacerdote Amasias, ladeado por todos os funcionários menores do Santuário, aguardava à porta da sua casa a chegada do cortejo. Ao chegar à pracinha defronte ao Santuário e à casa do sacerdote Amasias, Semá passou à frente do rei e recebeu de Amasias uma peça de madeira com alguns pinos na ponta. Era a chave da casa de Amasias. Com ela Semá levantou os pinos da fechadura e retirou a tranca que fechava a casa. A partir daquele momento ele ia administrar a casa de Amasias transformada em palácio real. Enquanto isso, o rei apeava de sua mula, era saudado por Amasias e entre o sacerdote e seu escudeiro entrava em casa, acompanhado dos familiares e alguns altos funcionários da corte.

Enquanto os outros acompanhantes de Jeroboão que não deveriam entrar imediatamente em serviço iam tomando cada qual o seu destino, pequenos aglomerados se formavam para comentar o que se acabara de ver: “Israel é realmente uma nação poderosa...”; “Creio que nem Salomão se fazia preceder de um cortejo como esse...”; “Jeroboão trouxe pouca gente aqui porque a cidade é pequena e não haveria acomodações suficientes para todos os funcionários de sua casa real...”; “O tempo é de paz...”; “E quem ousaria se levantar contra Israel?”; “Somos o país mais poderoso de mundo...”; “Como foi fácil reconquistar Galaad de Damasco!...”; “Ouvi um profeta de Judá dizer que os assírios vão nos subjugar!...”; “Eles não estão podendo com as nações que já conquistaram...”

- Ah! Aqui está ele, o profeta de Judá!

- Você não vai mudar o sentido das palavras que pronunciou contra Israel? Que diz de tudo isso que acabamos de ver? O rei de Judá é poderoso como Jeroboão?

E Amós teve de responder:

- Escutem bem o oráculo de Javé que vou pronunciar contra vocês:

Caiu para não mais se levantar a jovem Israel!

Está prostrada no próprio chão,

não há quem a levante!

(E, sem se importar com as risadas de ironia e sarcasmo).

Isto fala o SENHOR Javé:

A cidade que punha em campo mil guerreiros,

cem é o que lhe sobra;

a que saía com cem, dez é o que lhe sobra.

Um protesto:

- A nação nunca esteve tão forte como agora! Nada poderá deter o avanço de Israel!

Mas Amós continuava:

- O SENHOR Javé jura por sua própria vida:

Eu tenho ódio do convencimento de Jacó,

sou inimigo de seus palacetes,

vou entregar as cidades inteiras.

Se numa casa sobrarem dez homens,

todos morrerão.

Pouca gente ficará

para tirar os cadáveres de dentro de casa.

Mais protestos:

- É um profeta de mau agouro! Não vale a pena escutar! E ele também não ganha nada com isso! Perda de tempo!

Amós:

- Alguém pergunta a quem está no fundo da casa:

“Há mais alguém aí com você?”

O outro responde: “Acabou!

E cale a boca que não é hora

de lembrar o nome do SENHOR!”

Vejam que Javé está dando ordens:

É para arrebentar a casa grande em pedaços,

Deixar a casa pequena em frangalhos.

No meio das pedras podem os cavalos correr?

- Não! (A maioria do público se interessou).

- No meio do mar os bois podem arar?

- Só um louco para pensar nisso!

- Por que é, então, que vocês fazem do direito um veneno e consideram as exigências da justiça como um fel?!

E ainda fazem festa por Lodabar, que é um nada,

e dizem: “Foi por nossa força

que conquistamos Carnaim para nós!”

Pois vejam:

Uma nação vai se levantar contra vocês

e vai esmagá-los desde a entrada de Emat

até o córrego do deserto.

Falou o SENHOR Deus!

Alguns se questionaram com sinceridade:

- Será possível uma coisa desta? Estará o SENHOR irado contra nós?

- É por isso que assim fala Javé:

Em todas as praças há gemidos,

em todos os terreiros só se escuta: “Ai! Ai!”

Chamam os lavradores para chorar

e os chorões para gemer.

Em todas as lavouras de uvas há lágrimas,

Pois estou passando para te visitar. Falou o SENHOR!

Destacaram-se, porém, estes protestos:

- Isso é um absurdo! Não vê que está chegando o Dia do SENHOR! Todos nós iremos ver esse Dia SENHOR! Israel será a maior nação da terra!

- Já estamos vendo! – completam outros. – A glória e o poder de Jeroboão estão bem diante dos nossos olhos.

- Esse indivíduo fala assim porque Judá está muito longe de alcançar Israel em riqueza e poderio!

- Certamente ele nunca foi a Jerusalém! Judá também está numa situação boa, confortável! Será que ele ainda não viu a glória de Sião, o centro religioso e político do seu próprio país?

Amós prosseguia:

- Malditos os que vivem suspirando pelo Dia do SENHOR!

O que há de ser para vocês o “Dia do SENHOR”?

Será trevas, isto sim, e não luz!

Será como o indivíduo que foge de um leão

e topa com um urso!

Ou que, entrando em casa, apoia a mão na parede

e é mordido pela cobra!

Pois o “Dia do SENHOR” será mesmo de trevas

e não luz, escuridão sem claridade alguma!

Malditos os que vivem tranquilos e convencidos,

os que vivem despreocupados no planalto de Samaria,

os chefes principais do povo,

aqueles a quem procura a gente de Israel!

Vão a Calane para ver,

daí passem à grande cidade de Hema,

depois desçam a Gat dos filisteus!

Vocês são melhores do que esses reinos?

O seu território é maior que o deles?

Vocês pensam que estão afastando para longe

os dias da desordem?

Estão é apressando o passo da violência!

Alguém que parecia ser dos altos funcionários de Jeroboão retrucou com ardor:

- Que violência? Não vê a paz e a prosperidade de que gozamos? Nunca esteve em Samaria? Não sabe do conforto e bem-estar em que vivem todos naquela cidade e, de resto, em todo o reino de Israel? Quem será que está apressando o passo da violência? Não seriam os profetas de mau agouro como você? Ou está pretendendo receber algum benefício do nosso rei?

Amós continuou:

- Esses que vivem deitados em cama de marfim,

esparramados em cima dos sofás,

comendo os cordeiros do rebanho,

ou novinhos cevados em estábulos,

delirando ao som da lira,

inventando, como Davi, instrumentos musicais,

bebendo os canecões de vinho,

usando os mais caros perfumes,

sem se importar com o sofrimento de José.

Por isso vocês irão acorrentados

à frente dos cativos!

Acabou a festa dos boas-vidas!

- Isso não fica assim! Resmungou, indo-se embora, o funcionário do rei.

- Malditos os que são inimigos
de quem se defende no tribunal
e têm horror de quem fala a verdade!
Por causa disto, porque vocês exploram os pobres
e arrancam deles uma porcentagem do trigo,
estão construindo casas de pedras lavradas,
mas nelas não vão morar!
Plantam uvas selecionadas,
mas do seu vinho não vão beber!
Pois eu sei como são pesados os seus pecados!
Malditos os exploradores dos inocentes,
agiotas desalmados,
que enganam o pobre na porta da cidade.

Um rico comerciante advertiu:

- Sabe que está ofendendo os nossos chefes, os dirigentes do povo, nosso rei Jeroboão e seus ministros?

- Por isso mesmo é que quem tem juízo
cala a boca nos dias de hoje,
pois os dias são maus.
Procurem o bem e não o mal,
para ver se vocês sobrevivem!
Quem sabe assim, como vocês dizem,
o SENHOR das batalhas estará com vocês!
Odeiem o mal, amem o bem!
Façam o que é justo vencer na porta da cidade!
Quem sabe assim o SENHOR há de ter misericórdia
daquilo que sobra da gente de José!

14. A LUA NOVA

No sábado sucediam-se no Santuário de Betel os mais diversos tipos de sacrifícios. Havia alguns holocaustos, quando a vítima era toda consumida pelo fogo. Os mais comuns, porém, eram os *selamim*, sacrifícios pacíficos ou de comunhão, nas suas diferentes espécies: *tôdah*, *néder* e *nedebah*, com predominância dos sacrifícios votivos ou *néder*, ao qual o oferente estava obrigado por um voto ou promessa.

Nos sacrifícios de comunhão, além do sangue, apenas a gordura era oferecida a Deus e queimada sobre o altar; o peito e o quarto traseiro direito pertenciam aos sacerdotes, enquanto que o restante da vítima era consumido pelo oferente e seus convidados.

O sacrifício de louvor, o *tôdah*, devia ser consumido no mesmo dia e devia ser acompanhado de uma oferenda de pães e bolos. É por isso que sempre se convidavam os pobres para ajudarem a consumir esses sacrifícios de ação de graças.

O *néder*, oferenda de promessa, e o *nedebah*, oferenda espontânea, independente de voto de promessa, esses podiam ser consumidos também no dia seguinte.

Na praça diante do Santuário era grande a confusão. Entre o balido das cabras e dos carneiros e o mugido dos novilhos, ouviam-se os gritos dos vendedores, o vozeiro dos compradores, o berro pungente da rês abatida, o atropelo em busca de um carneiro que escapou, as discussões por causa do preço, pela troca de um animal, funcionários do templo pedindo ordem, e a fumaça vinda do altar dos holocaustos ardendo nos olhos e irritando as pessoas. Tudo formava um espetáculo insólito.

- Um cabrito macho, sem defeito, para o seu holocausto!
- Um bezerro gordo para você cumprir seu voto!
- Pombas, pombas para o holocausto!
- Pães e bolos para a sua ação de graças!
- Para o Deus da fertilidade, um tourinho de três anos!

Bem defronte ao Santuário estava a casa das jovens que tecem as vestimentas do culto. Também por ali, embora de uma maneira mais discreta, há certa movimentação. O tourinho dourado, o pedestal de Javé, não deixa de lembrar também o culto da fertilidade. Adad Remon de Damasco não é representado sobre o touro? Baal, do qual hoje não se pode falar tanto, não é também um deus da fertilidade e representado sobre um touro? O seu culto em Samaria, com a prostituição sagrada, tinha se tornado extremamente popular... Jeú tinha liquidado os sacerdotes e profetas de Baal, mas uma recordação agradável sempre restava... “Por Baal, vamos hoje honrar o SENHOR da Vida!”, e lá se ia um par... Moços e velhos, pais e filhos, todos ou quase todos passavam por ali.

O sacerdote Amasias fechava os olhos, parecia não querer aceitar claramente essa realidade; mas após a conversa com Mosek-Saq de Dã, lá dentro do palácio real de Samaria, já andava procurando também as carícias das jovens que lhe teciam as vestes. No mais, a própria reserva com que tudo era feito vinha a ser um atrativo a mais. Naqueles dias de intensa movimentação essas jovens nem precisavam ir sentar-se à porta do Santuário. Aliás, pouco tempo lhes sobrava para ao menos sair de casa...

Enquanto aguardava o início do cerimonial, Amós examinava o Santuário onde estava. Quantas colunas? Não vale a pena contar. Os capitéis lá em cima como um nó a amarrar as colunas umas as outras e ao teto. O tourinho dourado. Javé sobre o touro Baal! O altar dos sacrifícios imenso, circulado de escadas que levavam ao seu topo e punham ao alcance da mão o fogo perpétuo onde seriam queimados dois touros, um cabrito e cinco cordeiros. O altar dos incensos ao lado, bem menor, mas todo de bronze, com seus quatro cantos em forma de chifres de carneiro estilizados, e o fogo crepitando.

Quanto desperdício! – pensava – Não é isso o que o SENHOR quer! Mas esse mundo todo parece tão sólido, tão bem arrumado. O rei, seus altos funcionários, seu escudeiro, musica e cantores, o progresso, a prosperidade, tudo estava bem unido ali, junto dos sacrifícios, das promessas, da multidão empolgada que multiplicava as oferendas a Javé, o seu Deus. Tudo bem amarrado com as colunas de Santuário unidas pelos capitéis. Tudo forma uma só unidade. “Ninguém imagina que possa haver alguma coisa de errado, algum ponto fraco... É tudo frágil, é tudo podre! Toda essa farsa vai desmoronar! Javé nosso Deus vai desmontar tudo isso, peça por peça!...”

Amonias o tira da contemplação:

- Amós, o rei está chegando! Vamos ver!

Foram. Vestindo o *aderet* bordado em ouro sobre o *mehil* todo de linho e tendo na frente o diadema de rei, Jeroboão acabava de se sentar no trono armado em frente ao Santuário. Abrem-se alas no meio da multidão e passam os funcionários reais conduzindo as vítimas para o holocausto solene do rei. Ao se aproximarem do trono, Jeroboão fica de pé, desce alguns degraus e impõe as mãos sobre a cabeça do primeiro touro, dizendo:

- Este touro que me pertence eu o entrego nas mãos de Javé, o nosso Deus, para que seja sacrificado e toda a sua carne seja devorada pelo fogo. Que o suave odor deste holocausto, subindo até as narinas do SENHOR da vida e da fertilidade, faça que ele multiplique ainda mais as suas bênçãos sobre mim, o seu ungido, e sobre todo o seu povo!

Em seguida eram-lhe apresentados o segundo touro, o cabrito e os cinco cordeiros. Para cada um o mesmo ritual. Terminada essa primeira parte, Jeroboão deu ordem ao ministro-chefe da casa real para que em seu nome sacrificasse as vítimas, e entrou no Santuário, dirigindo-se ao altar.

Ali o rei vestiu o *efod*, tod de linho, veste própria do sacerdote no exercício de suas funções. Enquanto isso era abatida a primeira vítima e seu sangue recolhido nas bacias de bronze. Depois de receber em suas mãos a bacia com o sangue, Jeroboão galgava os degraus e, lá no alto, derramava esse sangue por todo o contorno do altar. Levavam-lhe, em seguida, farinha de trigo e vinho. O vinho era derramado em volta do altar, tal como fora feito com o sangue, e a farinha era lançada ao fogo.

Enquanto isso, os funcionários reais juntamente com o chefe da casa real, Semá, tiravam o couro da vítima e a dividiam em quartos que, juntamente com as vísceras e a cabeça, eram levados a Jeroboão. O rei-sacerdote erguia para o alto cada parte da vítima, apresentando-a a Javé sobre a imagem do tourinho dourado, e seus funcionários colocavam tudo no fogo do altar. O ritual ia se repetindo para cada vítima e para cada parte da vítima. A postura digna e os gestos nobres de Jeroboão prendiam a atenção de todos. Uma nuvem da fumaça subia do altar e cobria o tourinho dourado, pedestal de Javé. A multidão que ficara do lado de fora do Templo era muito mais numerosa do que os que tinham conseguido entrar no Santuário. Só a Casa Real de Jeroboão (ministros, altos funcionários, funcionários subalternos e guarda real) ocupava quase toda a área interna do Templo.

Amós tinha saído para ver a chegada do rei, e do lado de fora tinha ficado. Ao ser reconhecido por alguns que já o tinham ouvido falar, ele parou no alto da escadaria à porta do Santuário e, contra os protestos temerosos do seu amigo e escriba Amonias, resolveu falar:

- Isto me mostrou o SENHOR Deus:

Apareceu uma nuvem de gafanhotos

pouco antes da colheita de feno,

depois do corte do feno do rei.

Quando iam acabar com todo o verde da terra,

eu disse: SENHOR Deus, misericórdia!

Quem ficará de pé em Jacó? Ele é pequeno!

E o SENHOR teve dó.

Isso não vai acontecer! Disse o SENHOR Deus.

Isto aqui me mostrou o SENHOR Deus:

Vi o SENHOR Javé chegando

para castigar com o fogo.

O Grande Mar estava queimando

e já ia queimando as roças.

Eu disse: SENHOR, Deus, misericórdia!

Quem vai ficar de pé em Jacó? Ele é pequeno!

E o SENHOR teve pena mais uma vez.

Isso não vai acontecer! Disse o SENHOR Deus.

- O fogo da seca!? O calor ardente que sobe do Grande Mar?! – disseram alguns no meio do povo. – Javé não vai permitir uma coisa dessa! Nós somos fiéis a ele e jamais nos esquecemos de cultuá-lo e oferecer-lhe os nossos sacrifícios. Os votos e promessas que sempre cumprimos, a fumaça dos holocaustos, as multidões como esta aqui reunida em torno do seu altar, tudo isso nos garante as suas bênçãos. A prosperidade da nossa nação confirma que Javé está conosco, ele é o Deus de Israel, é como se ele fosse da nossa gente.

Outro atalhou:

- E o nosso rei Jeroboão! A sua riqueza e a sua fortuna estão bem em proporção com a sua fidelidade ao nosso Deus. Javé fez dele o seu filho!...

Amós, porém, continuava:

- Também isto me mostrou o SENHOR Deus:

Vi um homem em cima de uma parede

e, na mão, tinha uma desempenadeira.

Disse-me Javé: Que vês, Amós?

Uma desempenadeira – respondi.

E ele me disse:

- Pois eu vou passar a desempenadeira em meu povo Israel; não posso mais deixar para depois!

Serão arrasadas as capelas de Isaac, os santuários de Israel serão destruídos

e, contra a casa de Jeroboão, eu venho de espada!

Entretanto, dentro do Santuário, o ritual se desenrolava normalmente, sem atropelos. Amasias, embora não estivesse oficiando como sacerdote, acompanhava tudo de perto. Observava como recolhiam o sangue de mais uma vítima na bacia de bronze, quando vieram dizer-lhe que havia um profeta de Judá dizendo coisas estranhas à porta do Santuário.

Solícito lembrando-se daquilo que o rei tinha dito a ele e aos outros sacerdotes no palácio real de Samaria, correu até onde estava Amós e chegou a ouvir-lhe as últimas palavras. Ficou ruborizado. “Como é possível!? Esse profeta vem tentar atingir o nosso rei com suas palavras aqui à porta do meu Santuário, estando o rei lá dentro a oferecer os seus sacrifícios! Que há de pensar de mim o rei? Que eu fui descuidado? E quanto ele recomendou durante a ceia que nos ofereceu em seu palácio de Samaria? Irá ele pensar que eu estou de acordo com isso?... Não!...Como evitar que um homem de Judá venha ao meu Santuário?...E não é para favorecer essas vindas?...”

Em vez de dirigir-se a Amós, entrou apressado no Templo, dando a entender visivelmente que ia falar com Jeroboão. Lá estava o rei envolvido pela fumaça e erguendo para o alto na direção do tourinho dourado uma bacia com dois quartos de um cordeiro.

Amonias viu o sacerdote e percebeu a sua reação: o primeiro momento de indecisão, a dúvida sobre se interrompia Amós ou não, o momento de reflexão, a decisão firme e o olhar fixo ao entrar no Santuário. Chamou seu amigo:

- Amós, vamo-nos embora, que o sacerdote Amasias ouviu você falar e foi contar tudo ao rei! Vamos!...

Amós fez-lhe um sinal para que esperasse e continuou:

- Ainda isso me fez ver o SENHOR:

Uma cesta de frutas maduras.

Ele me disse: Que vês, Amós?

E eu disse: Uma cesta de frutas maduras.
 Ele me disse: Israel, o meu povo, está caindo de maduro!
 Nada mais posso fazer.
 E será choro o cântico do Templo naquele dia!
 Cadáveres jogados por toda a parte!
 E eu recomendo silêncio.

Alguns daquele grupo de peregrinos que tinha se encontrado com Amós à porta da cidade comentavam:

- Desde que chegou aqui, antes até de entrar na cidade, esse profeta da terra de Judá vem nos insultando!

- O nosso rei há de dar-lhe uma lição!...Está com inveja porque Israel é mais poderoso que Judá... Nós temos nossos profetas, não precisamos que venha gente de Judá pretendendo ensinar-nos a fidelidade a Javé... E é um *Am-haares* atrasado, sem cultura nenhuma...Amasias já foi falar com o rei...

- Por Baal – saía gritando do Santuário a jovem que acompanhava Amasias – se Jeroboão não manda castigar esse tagarela irresponsável!

E Amós:

- Escutem aqui, exploradores dos pobres,
 opressores dos humildes do país,
 vocês que só sabem dizer assim:
 Quando é que vai passar a lua nova
 para podermos pôr à venda o nosso trigo,
 para abriremos o armazém,
 para diminuir as medidas, aumentar o peso
 e viciar a balança mentirosa;
 para comprarmos os pobres por uns trocados,
 o humilde por um par de sandálias;
 para vendermos até a soca do trigo?
 Por causa do convencimento de Jacó o SENHOR jura:
 Não posso jamais me esquecer
 de tudo o que essa gente faz!
 Acontecerá naquele dia – Palavra do SENHOR –
 que farei o sol se esconder ao meio-dia,
 que farei anoitecer já de manhã,
 que mudarei suas festas em funeral
 e os seus cânticos, em gemidos!
 A todos vestirei com roupas de luto
 e, no lugar de cabeleiras, cabeças raspadas!
 Farei que seja como o luto por um filho único,
 farei que dure como um dia de amargura!

Enquanto isso, Amasias chegava junto do altar e, por intermédio de Semá que, depois de ter abatido a última vítima estava agora ao lado de Jeroboão, fez chegar ao rei a notícia:

- Amós, aquele profeta de Judá, está falando contra o rei dentro do próprio estado de Israel. Está tagarelado ali à porta do Santuário. Não se pode mais tolerar o que ele diz, pois anuncia que Jeroboão e sua família serão mortos à espada e que os assírios vão levar para o cativeiro a nossa nação.

Jeroboão respondeu que ele, Amasias, era um alto funcionário do seu reino, cargo paralelo ao de ministro, e que ali, com o rei hospedado em sua casa, ele tinha autoridade sobre toda a guarda real. Que ele mesmo cuidasse de expulsar o tal profeta.

Amós prosseguia:

- Dias hão de vir, diz o SENHOR,
 quando vou mandar uma fome para a terra;
 não será fome de pão nem sede de água,
 e, sim, de ouvir a Palavra do SENHOR.
 Irão cambaleando de um mar a outro,

do norte para o oriente irão sem rumo,
 à procura da Palavra do SENHOR,
 sem poder encontrá-la!
 Naquele dia vão desmaiar de sede
 as jovens mais belas e também os rapazes
 que juram pelo pecado de Samaria,
 que dizem: “Pela vida do teu deus, Dã!”
 “Pela vida do teu Bem-amado, Bersabéia!”
 Cairão todos, sem poder mais se levantar.

Ao surgir Amasias à porta do Santuário, acompanhado de quatro elementos da guarda real, os olhares de todos e também os de Amós voltaram-se para lá. Grande e profundo silêncio. Amós prosseguiu:

- Eu vi o SENHOR de pé sobre o altar.

Ele batia lá em cima nos capitéis
 e fazia tremer toda a colunata.

Ele disse: Eu esmago a cabeça de cada um
 e, pelas costas, mato a todos pela espada!

De todos vocês nenhum sobrevivente fugirá
 nenhum esperto escapole.

Se se afundarem debaixo da terra,
 dali minha mão os tirará!

Se subirem ao mais alto dos céus ou se esconderem no alto Carmelo,
 lá vou procurá-los e pegá-los!

Se mergulharem para o fundo do mar,
 lá dou ordens ao dragão para os morder.

Se quiserem fugir do inimigo,
 dou ordem à espada para matá-los!

Eu pus neles o meu olhar,
 não para a benção, sim para a condenação.

Vou mandar chacoalhar a gente de Israel
 pelo meio de todos os povos
 do mesmo jeito como se abana o trigo na peneira,
 sem deixar cair no chão um grãozinho sequer.

Por acaso, israelitas,
 para mim vocês são diferentes dos etíopes?

É verdade que tirei Israel da terra do Egito,
 mas também não tirei os filisteus da ilha de Chipre?

Ou não fiz os arameus saírem de *Quir*?

E a todos esses eu não fiz desaparecer da face da terra?

Não! Não vou arrasar totalmente
 a gente de Israel!

Mas todos os pecadores do meu povo
 morrerão pela estada,

esses que vivem dizendo: “Ele está longe,
 a desgraça nunca vai nos alcançar!”

- Ó visionário! – interrompeu Amasias. – Vá-se embora! Dê o fora para a terra de Judá! Vá tentar ganhar a vida, fazendo lá suas profecias! Isso aqui não é lugar de profetazinho espertalhão! Isso aqui é o Santuário Nacional do reino de Israel! É uma extensão do palácio do Rei!

Amós respondeu:

- Eu não sou nenhum profeta, nunca estive em Escola Profética! Eu sou pastor de ovelhas, agora um vaqueiro, e talhador de sicômoros! O SENHOR foi quem me chamou de trás das ovelhas e me disse: “Vá falar em meu nome, contra o meu povo de Israel!” Pois, então, escuta agora a palavra do SENHOR, você que está dizendo: “Não me profetizes mais contra a gente de Israel?”. Escuta aqui o que diz o SENHOR:

A tua mulher vai se entregar a qualquer um

no meio da rua!
Teus filhos e tuas filhas vão cair
a golpes de espada.
As tuas terras serão repartidas
em medidas de corda.
Você mesmo irá longe para morrer
numa terra estranha.
Enquanto Israel irá para o cativeiro,
fora de sua terra.

Um dos guardas do rei, chegando por detrás de Amós, deu-lhe um empurrão, fazendo-o precipitar-se escada abaixo sobre a multidão, enquanto Amasias repetia a ordem para deixar imediatamente o local, a cidade e o país. Guardas reais o escoltaram até a fronteira entre Israel e Judá. Amonias o acompanhou e os dois voltaram para o meio de suas obedientes ovelhas em Técua.

EPÍLOGO

O que aconteceu a Amós depois disso, não se sabe. Nada de extraordinário certamente, a não ser a dificuldade maior em encontrar pastagem para as ovelhas, problemas com o gado de Basã adquirido por seu patrão, conversas com os amigos... o filho crescendo... a mulher ficando mais velha... a Sefelá, as caravanas, notícias... a vida correndo.

Quanto a Jeroboão e ao reino de Israel, o que se sabe é que, oito anos depois das falas de Amós, ainda em todo o prestígio e esplendor do seu reino, o poderoso rei de Israel faleceu de morte natural. Amós tinha dito que sua família, a sua casa iria morrer pela espada. Zacarias filho de Jeroboão, esse, sim, foi morto por Selum seis meses após ter-se tornando rei em lugar de seu pai.

Selum não passava de um vassalo do rei da Assíria. Foi morto por Facéias que acabou sendo morto pelo exército assírio. Oséias foi colocado como preposto do rei da Assíria no trono de Israel. Como tentasse desobedecer e fazer uma aliança com o Egito, a outra grande potência, Sargon II, rei da Assíria, invadiu Samaria e levou-o preso para a Mesopotâmia, juntamente com todos os nobres e ricos do país. É o que eles costumavam fazer e é o que Amós tinha previsto. Aí terminou o reino de Israel. Detalhes maiores não se conhecem.

Amonias escreveu as falas de Amós. Acrescentou certamente alguma coisa do que conversavam entre si, eles que eram tão amigos. Por causa da sua coragem e destemor, Amós cresceu muito aos seus olhos e tornou-se para ele um verdadeiro mestre.

Temos as palavras de Amós transcritas por Amonias ainda hoje. Sem dúvida, outras mãos, especialmente dos exilados do reino de Judá que retornavam da Babilônia confiantes em reerguer a “tenda de Davi” terão também interferido, acrescentando detalhes e mesmo poemas inteiros de acordo com suas convicções e esperanças. Aquilo que hoje nos chegou às mãos procuramos traduzir com cuidado, tentando às vezes transpor até o ritmo das frases e os ecos, as assonâncias e dissonâncias que tantas vezes encontramos no original e que frequentemente falam mais que o sentido mesmo das palavras. Eis, a seguir, o texto completo que nos chegou às mãos.

**LIVRO DE AMÓS,
O PROFETA DE TÉCUA**

1 ¹Mensagem de Amós, que era um dos pastores de Técula. Diz o que ele viu a respeito de Israel, no tempo do rei de Judá Ozias e do rei de Israel Jeroboão, filho de Joás, dois anos antes do tremor de terra.

²Ele disse: Desde Sião Javé ruga como um leão,
de Jerusalém faz ouvir o seu brado!
Murcham os pastos dos pastores,
seca até o pico do Carmelo.

³Isto diz Javé:

Três crimes tinha Damasco
e agora são quatro;
por isso é que eu não vou perdoar,
pois esmoeram Galaad com debulhadora de ferro;
⁴mas eu porei fogo no palácio de Hazael
para queimar o palácio de Ben-Adad.
⁵Arrebento os ferrolhos de Damasco,
elimino quem estiver no trono de Vale da Injustiça¹,
o dono do poder em Casa do Prazer²!
e o povo arameu irá cativo para Quir.
Falou Javé!

⁶Isto diz Javé:

Três crimes tinha Gaza
e agora são quatro;
por isso é que não vou perdoar,
pois fizeram cativo um povo inteiro
para entregar a Edom;
⁷mas eu porei fogo na muralha de Gaza
para queimar todos os seus palácios.
⁸Eliminio quem estiver no trono em Azoto,
o dono do poder em Ascalon;
volto a minha mão contra Acaron
e liquida-se o que sobrar dos filisteus.
Falou Javé!

⁹Isto diz Javé:

Três crimes tinha Tiro
e agora são quatro;
por isso é que não vou perdoar,
pois fizeram cativo um povo inteiro
para entregar a Edom,
sem respeitar o trato de irmãos;
¹⁰mas eu porei fogo nas muralhas de Tiro

¹ Ou Biceat-Áven. Não se consegue encontrar localidade com esse nome nesta região. É um nome irônico dado pelo autor ao país de Damasco ou Síria.

² Ou Bet-Édem. Localidade não identificada. Deve ser nome irônico.

para queimar todos os seus palácios.

Falou Javé!

¹¹Isto diz Javé:

Edom tinha três crimes

e agora tem quatro;

por isso é que eu não vou perdoar,

pois perseguiram seus irmãos de espada em punho,

sem ouvir a voz do próprio sangue;

acenderam sua raiva para sempre

e guardam um ódio eterno;

¹²mas eu porei fogo em Temã,

para queimar os palácios de Bosra.

Falou Javé!

¹³A Isto diz Javé:

A nação de Amon tinha três crimes

e agora tem quatro;

por isso é que não vou perdoar,

pois eles rasgaram a barriga

das mulheres grávidas de Galaad

só para alargar suas fronteiras;

¹⁴mas eu porei fogo nas muralhas de Rabá

para queimar todos os seus palácios,

com gritos de guerra no dia da batalha

como um vendaval no dia da tempestade;

¹⁵e o seu rei irá para o cativeiro,

Ele e seus generais todos juntos.

Falou Javé!

2 ¹Isto diz Javé:

Moab tinha três crimes

e agora tem quatro;

por isso é que não vou perdoar,

pois queimaram até às cinzas

os ossos do rei de Edom;

²mas eu porei fogo em Moab

para queimar os palácios de Cariot.

Moab vai morrer em meio ao barulho,

entre os gritos de guerra e ao som da corneta.

³Vou eliminar o juiz que lá existe

e, com ele, vou trucidar suas autoridades.

Falou Javé!

⁴Isto diz Javé:

Judá tinha três crimes

e agora tem quatro,

por isso é que eu não vou perdoar,

pois eles desprezaram a lei do SENHOR,

e não guardaram os seus mandamentos;

tomaram um caminho no rastro das Mentiras³

que um dia seus pais tinham seguido;

⁵mas eu porei fogo em Judá

para queimar os palácios de Jerusalém.

Falou Javé!

³ Ou “ídolos”.

⁶Isto diz Javé:

Israel tinha três crimes
e agora tem quatro;
por isso é que eu não vou perdoar,
pois eles vendem o justo por dinheiro,
o necessitado por um par de sandálias;
⁷pisam a cabeça dos pequenos na poeira do chão
e torcem o caminho dos pobres!
Um indivíduo e o próprio pai
dormem com a mesma mulher,
profanando assim o meu nome santo.
⁸É em roupas penhoradas que eles se prostram
diante de qualquer altar,
é o vinho dos juro que eles bebem
no templo do seu deus.
⁹E fui eu quem à frente deles
derrotou os amorreus,
altos como cedros do Líbano,
fortes como carvalhos;
pois eu lhes cortei os frutos por cima
e as raízes por baixo.
¹⁰Fui eu quem retirou vocês da terra do Egito
e através do deserto por quarenta anos os guiei
a fim de fazê-los proprietários
da terra dos amorreus.
¹¹Entre os seus filhos escolhi profetas,
nazires, entre os seus meninos.
Não foi mesmo assim, família de Israel?
¹²Mas vocês embriagaram os *nazires*,
e taparam a boca dos profetas.
¹³Pois eu vou pisar nos seus pés
como uma carroça carregada
que pisa um cacho de trigo.
¹⁴E a fuga fugirá do esperto,
a força do valente não lhe valerá,
o forte não escapa da morte,
¹⁵o arqueiro não fica em pé,
não escapa o ligeiro de pernas
e nem o cavaleiro salva a sua vida.
¹⁶O mais valente dos guerreiros
Fugirá nu naquele dia!
Falou Javé!

3 ¹Escutem este discurso que Javé pronuncia:
Vou falar da família que tirei da terra do Egito.
²De todas as famílias do mundo,
Foi você a única que eu quis conhecer,
por isso, vou cobrar todos os teus pecados!
³Duas pessoas andam juntas
sem terem combinado?
⁴Mia o bicho no mato,
sem ter nada para atacar?
Solta o leão o seu rugido

sem ter o que pegar?

⁵Cai o pássaro no chão
sem o laço da armadilha?

Vai o laço para o ar
sem pegar coisa alguma?

⁶Tocam a trombeta na cidade
e o povo não se assusta?

Vem uma desgraça à cidade
e não foi Deus quem a mandou?

⁷Javé não faz coisa alguma
sem contar os seus planos
aos profetas, seus servidores.

⁸Quando ruge o leão,
quem não fica com medo?
Se é o Senhor Javé quem fala,
quem consegue não ser seu profeta?

⁹Mandem um recado aos palácios da Assíria
e aos palácios da terra do Egito.
Digam que é para eles se reunirem
no planalto de Samaria,
para ver quanta desordem ali existe
e quanta injustiça há instalada em seu meio!

¹⁰Não sabem viver com honestidade,
só se enriquecem de injustiça e exploração!

¹¹Por isso é que assim fala Javé:
Os inimigos hão de cercar o teu país,
tua segurança cairá de uma vez
e teus palácios serão todos saqueados.

¹²Isto disse Javé:
Como o pastor salva da boca do leão
duas patas e um pedaço de orelha,
é assim que escaparão os filhos de Israel;
os cidadãos de Samaria que escaparem
um pedaço de cama ou o damasco de um sofá.

¹³Escutem e levem a notícia para a família de Jacó:
Palavra de Javé, o Deus dos batalhões.

¹⁴No dia de eu cobrar os pecados de Israel,
vou olhar para os altares de Betel;
as pontas dos altares serão quebradas
e por terra cairão.

¹⁵Vou derrubar a casa de inverno
por cima da casa de verão.
Serão destruídas as casas de marfim,
desaparecerão as casas de ébano.

4 ¹Escutem esta palavra, vacas de Basã,
que moram nas montanhas de Samaria,
que assaltam os pobres e esmagam os humildes,
que só sabem dizer aos maridos:
“Pode trazer, que nós vamos beber!”

²O Senhor Javé jura por sua própria santidade
que para vocês há de chegar o dia
quando serão tocados com vara de ferrão,
o farpão nos seus traseiros.

³Terão de passar uma atrás da outra
pela brecha da muralha
e para os lados do Hermon serão levadas.
Falou o Senhor Javé!

⁴Vão a Betel para pecar!
Façam romarias a Guilgal para pecar melhor ainda!
Ofereçam de manhã os seus sacrifícios!
Levem ao terceiro dia as suas oferendas!

⁵Queimem com pão seus sacrifícios de louvor!
Anunciem seus votos, publiquem bastante!
Pois é disso que vocês gostam, gente de Israel!

⁶Eu deixei limpos os seus dentes
em todas as suas cidades
e de todos os lugares retirei o pão,
mas, nem assim, para mim vocês voltaram!

⁷De vocês eu escondi a chuva
três meses antes da colheita;
eu mandava chover numa cidade
e na outra não fazia chover;
numa roça eu mandava chover
e aquela onde não chovia secava.

⁸Duas ou três cidades iam cambaleando
beber água em outra cidade,
sem conseguir matar a sua sede.
Mas, nem assim, para mim vocês voltaram!

⁹Com o carvão e a ferrugem do trigo
eu os castiguei,
sequei suas hortas e lavouras de uva,
suas figueiras e oliveiras o gafanhoto comeu,
mas, nem assim, para mim vocês voltaram!

¹⁰Uma peste eu lhes mandei
igual às pragas do Egito;
matei os teus guerreiros à espada
e os cavalos foram levados pelo inimigo.
Fiz subir pelas tuas narinas
a catíngua que exalava seu acampamento!
Mas, nem assim, para mim vocês voltaram!
Oráculo de Javé!

¹¹Eu revirei vocês de cabeça para baixo
como fez Deus com Sodoma e Gomorra,
e vocês ficaram como um tição puxado do fogo.
Mas, nem assim, para mim vocês voltaram!

¹²Pois é isso o que vou fazer contigo, Israel.
Prepara-te, pois, para ir ao encontro do teu Deus!

5 ¹Escutem agora estas palavras
que vou pronunciar contra vocês!

É o lamento da casa de Israel!
²Caiu para não mais se levantar
a jovem Israel!
Está prostrada no próprio chão?
não há quem a levante!

³Isto diz Javé:

A cidade que punha em campo mil guerreiros,
cem é o que lhe sobra.

A que saía com cem, dez é o que lhe sobra.

⁴Isto diz Javé para a gente de Israel:

Procurem a mim, e vocês viverão!

⁵Não procurem Betel!

Não façam romarias a Guilgal!

Não corram para Bersabéia!

Guilgal ganha exílio!

Betel vai virar coisa à toa!

⁶Procurem Javé e vocês viverão!

Senão ele virá como um fogo sobre a gente de José
para tudo queimar,

e não vai haver quem apague!

⁷Malditos os que fazem do direito um veneno
e jogam a justiça no chão.

4 ¹³Aí está aquele que forma as montanhas,

aquele que cria o vento,

que revela aos homens o seu pensamento,

que faz a luz e as trevas,

que anda pelas alturas da terra,

o seu nome é Javé, o Deus dos batalhões.

5 ⁸Foi ele quem fez as sete estrelas e o Órion,

é ele quem muda as trevas em aurora,

transforma o dia em noite,

convoca as águas do mar

para inundar a face da terra.

⁹Ele é quem determina a invasão da praça forte,

é quem manda a destruição ao parque de armas.

¹⁰Malditos aqueles que são inimigos

de quem se defende no tribunal,

que têm horror de quem fala a verdade!

¹¹Por causa disto, porque vocês esmagam os pobres,

cobram deles uma porcentagem do trigo,

estão construindo casas de pedras lavradas,

mas nelas não vão morar,

plantam uvas selecionadas,

mas do seu vinho não vão beber!

¹²Pois eu sei como são numerosos os teus crimes,

sei como são pesados os teus pecados,

exploradores dos inocentes, agiotas desalmados,

que enganam o pobre no tribunal!

¹³É por isso que quem tem juízo

cala a boca nos dias de hoje,

pois os dias são maus.

¹⁴Procurem o bem e não o mal,

para ver se vocês vivem!

Quem sabe, assim, como dizem,

Javé, o Deus dos batalhões, estará com vocês!

¹⁵Odeiem o mal, amem o bem!

Façam o que é justo ganhar no tribunal!
 Quem sabe, assim, Javé terá misericórdia
 do que sobrar da gente de José.

¹⁶Isto diz Javé, o Deus dos batalhões:

Em todas as praças há gemidos,
 em todas as ruas só se ouve: “Ai! Ai!”
 Chamam o lavrador para chorar,
 os chorões para gemer.

¹⁷Em todas as lavouras de uvas há lágrimas,
 pois estou passando para te visitar.
 Falou o Deus Javé!

O que há de ser para vocês o dia de Javé?
 Será trevas, isto sim, e não luz!

¹⁹Será como o indivíduo que foge de um leão
 e topa com um urso;
 ou que, entrando em casa, apoia a mão na parede
 e é mordido pela cobra!

²⁰Pois não é mesmo de trevas o dia de Javé,
 e não de luz?!
 Escuridão sem claridade alguma!

²¹Eu sou contra!

Detesto as festas de vocês!

Tenho horror a essas aglomerações.

²²Quando vocês queimam sacrifícios...

Seus donativos não me agradam,
 nem olho para as ofendam gordas!

²³Tirem de mim o barulho de seus cânticos!

Não quero ouvir a música de suas liras!

²⁴Quero, sim, ver brotar o direito como uma nascente,
 Correr a justiça como bica que não seca!

²⁵Por acaso vocês fizeram oferendas
 ou me imolaram sacrifícios

nos quarenta anos de deserto, gente de Israel?

²⁶Pois agora vocês terão de carregar em procissão

Sacut, deus do rei de vocês, e o ídolo Caivã,

imagens desses deuses que, para seu uso,
 vocês mesmos terão fabricado!

²⁷Eu vou levá-los para o cativeiro,

Para muito além de Damasco!

Falou Javé! Deus dos batalhões é o seu título!

6 ¹Malditos os que vivem tranquilos em Sião,
 os que vivem despreocupados em Samaria,
 os chefes principais do povo,
 em quem confia a gente de Israel.

²Vão a Calane para ver,
 daí passem à grande cidade de Emat,
 depois desçam a Gat dos filisteus!

Serão vocês melhores do que esses reinos?

O seu território é maior que o deles?

³Vocês pensam que estão afastando para longe

o tempo da desordem?
 Estão é apressando
 o passo da violência.
⁴Deitados em camas de marfim,
 esparramados em cima dos sofás,
 comendo os cordeiros do rebanho,
 vitelos cevados em estábulos,
⁵delirando ao som da harpa,
 querendo inventar, como Davi,
 instrumentos musicais,
⁶bebendo os canecões de vinho
 e usando os mais caros perfumes,
 sem se importar com o sofrimento de José!
⁷Por isso é que vocês irão acorrentados
 à frente dos cativos!
 Acabou a festa dos boas-vidas!

⁸Javé faz um juramento por sua própria vida:
 - Eu tenho ódio do convencimento de Jacó,
 sou inimigo dos seus palácios,
 vou entregar a cidade inteira!
⁹Se numa casa sobrarem dez homens,
 todos morrerão.
¹⁰Pouca gente ficará
 para tirar da casa os cadáveres.
 Alguém pergunta a quem está
 no fundo de uma casa:
 “Há mais alguém aí com vocês?”
 O outro responde: “Acabou!”
 E o outro diz: Cale a boca, que não é hora
 de lembrar o nome de Javé!”

¹¹Aqui está o que Javé manda:
 Que se arrebente a casa grande em pedaços
 e a casa pequena em frangalhos!
¹²No meio das pedras podem os cavalos correr?
 No meio do mar os bois podem arar?
 Pois para vocês o direito é um veneno,
 as exigências da justiça, uma coisa amargosa!
¹³Vocês que fazem festa por causa de um nada,
 e pensam: Não foi por nossa força
 que conquistamos Carnaim para nós?!
¹⁴Pois olhem que eu vou levantar contra vocês
 uma nação que há de esmagá-los
 desde a entrada de Emat
 até o córrego do deserto.
 Falou o Deus Javé!

7 ¹Isto me mostrou o Deus Javé:
 Eu vi uma nuvem de gafanhotos
 pouco antes da colheita do feno,
 depois do corte do feno do rei.
²Quando eles iam acabar com todo o verde da terra,

eu disse: Ó Deus Javé, misericórdia!
Quem vai ficar de pé em Jacó? Ele é pequeno!

³E Javé teve dó.

Isso não vai acontecer! Disse o Deus Javé.

⁴Isto me mostrou o Deus Javé:

Vi o Deus Javé chegando

para castigar com o fogo.

O Grande Mar estava em chamas

e já ia queimando as roças.

⁵Eu disse: Ó Deus Javé, misericórdia!

Quem vai ficar de pé em Jacó? Ele é pequeno!

⁶E Javé teve dó outra vez.

Isso não vai acontecer! Disse o Deus Javé.

⁷ Isto me mostrou o Deus Javé:

Vi um homem em cima da parede

E, na mão tinha uma plaina de pedreiro.

⁸Javé disse-me:

- Que vês, Amós?

- Uma plaina de pedreiro! – respondi.

E ele me disse:

- Pois eu vou aplainar Israel, o meu povo;
não posso mais deixar passar.

⁹Serão arrasadas as capelas de Isaac,
os santuários de Israel serão destruídos,
e, contra a gente de Jeroboão
eu venho de espada!

¹⁰Amasias, o sacerdote de Betel, mandou dizer assim ao rei Jeroboão:

- Amós está tramando contra vossa majestade dentro do reino de Israel. O país não pode tolerar mais as suas palavras, ¹¹pois Amós está dizendo que Jeroboão deverá ser morto pela espada e que Israel deverá ir para o cativeiro, longe do seu chão.

¹²Em seguida Amasias disse a Amós:

- Ó visionário, vá-se embora! Dê o fora para a terra de Judá! Vá ganhar a vida fazendo lá as suas profecias!

¹³Não me venha mais fazer profecias em Betel, pois isso aqui é um Santuário Nacional, uma dependência do palácio do rei.

¹⁴Amós respondeu assim a Amasias:

- Eu não sou profeta nem discípulo de profeta!

Eu sou um vaqueiro e cultivador de sicômoros!

¹⁵O Deus Javé e foi quem me tirou de trás do rebanho e me mandou:

“Vá falar como profeta contra Israel, o meu povo!”

¹⁶Pois agora escuta aqui a palavra de Javé:

Você está dizendo: “Não profetize contra Israel!

Não despeje suas palavras contra a gente de Isaac!”

¹⁷Pois assim diz Javé:

A tua mulher será a prostituta da cidade!

Teus filhos e tuas filhas vão morrer

a golpes de espada!

Tuas terras serão repartidas

em medidas de corda!

Você mesmo será levado para morrer

numa terra impura!

E Israel deverá ser levado para o cativeiro,

longe do seu chão!

8 ¹Isto me mostrou o Deus Javé:

Vi uma cesta de frutas maduras.

²Ele me disse:- Que est[as vendo, Amós?

E eu disse:- Uma cesta de frutas maduras.

Ele me disse:- Israel, o meu povo,

está caindo de maduro; nada mais posso fazer.

³E será choro o cântico do Templo naquele dia!

Há cadáveres jogados por toda a parte!

E eu recomendo silêncio!

Falou o Deus Javé.

⁴Escutem aqui, exploradores dos pobres,
opressores dos humildes do país,

⁵que só pensam: “Quando é que vai passar a lua nova,
para podermos pôr à venda o nosso trigo,

para abrímos o armazém,

para diminuir as medidas, aumentar o peso,

viciar a balança mentirosa,

⁶para comprar os pobres por dinheiro,

o humilde por um par de sandálias,

e vender até o refúgio do trigo?”

⁷Por causa do convencimento de Jacó,

[e Javé quem jura:

não posso jamais me esquecer

de tudo o que essa gente faz!

⁸E não é por isso que a terra treme

e seus moradores se apavoram?

Que toda ela sobe como o rio Nilo

e, como o rio do Egito, baixa novamente?

⁹Acontecerá naquele dia – Palavra de Javé –

que eu farei o sol se esconder ao meio-dia;

que farei anoitecer já de manhã;

¹⁰mudarei as suas festas em funeral,

os seus cânticos em gemidos.

A todos vestirei com roupas de luto

e, no lugar de cabeleira, cabeça raspada!

Farei que seja como o luto por um filho único,

Farei que dure como um dia de amargura!

¹¹Dias hão de vir – diz Javé –

quando vou mandar uma fome para a terra.

Não será fome de pão nem sede de água,

mas, sim, de ouvir a Palavra de Javé.

¹²Irão cambaleando de um mar ao outro,

do norte para o oriente irão sem rumo,

á procura da Palavra de Javé

sem jamais poder encontrá-la!

¹³Naquele dia vão desmaiar de sede

as jovens mais belas e também os rapazes

¹⁴que juram por Asima, deusa de Samaria,

que dizem: “Dã, pela vida do teu deus!”

“Pela vida do teu amado, Bersabéia!”
 Todos cairão para não mais se levantarem!

9 ¹Eu vi o Senhor, que estava de pé acima do altar:

Ele batia no alto das colunas,
 fazendo tremer a colunata.

Ele disse: “Eu esmago a cabeça de cada um
 e, pelas costas, mato todos pela espada!”

De todos vocês nenhum sobrevivente fugirá,
 Nenhum esperto escapole!

²Se eles se afundarem debaixo da terra,
 dali minha mão os tirará;

se subirem ao mais alto do céu

³ou se esconderam no alto do Carmelo,
 lá vou procurá-los e pegá-los.

Se mergulharem para o fundo do mar,
 lá dou ordem ao dragão para mordê-los.

⁴Se quiserem fugir do inimigo,
 dou ordem à espada para matá-los.

Eu pus neles o meu olhar
 não para a benção e, sim, para a maldição!

⁵O Senhor Javé fere o país e ele se desmancha!

Choram todos os cidadãos,
 a nação sobe como o rio Nilo,
 depois baixa de novo como o rio do Egito.

⁶No céu Deus fez sua alta morada
 e, por cima da terra, firmou-lhe a curvatura.

Ele é quem chama as águas do mar
 para inundar a face da terra.

Javé é o seu nome!

⁷Por acaso, israelitas,

para mim vocês são diferentes dos cuchitas?

Eu não tirei Israel da terra do Egito?

mas também não tirei os filisteus de Caftor?

E não fiz os arameus saírem de Quir?

⁸Para a nação pecadora é que se voltam

os olhos do Senhor Javé;

e eu vou eliminá-los da face da terra!

Mas, não! Não vou arrasar a gente de Jacó!

Oráculo de Javé!

⁹Pois eu mesmo vou mandar balançar a gente de Israel
 no meio de todos os povos,

do mesmo jeito como se abana o trigo na peneira,
 sem deixar cair no chão um grãozinho sequer.

¹⁰ Todos os pecadores do meu povo

hão de morrer pela espada;

esses que dizem:- Está longe!

Essa desgraça não chega até nós!

¹¹Naquele dia de novo vou armar
a tenda de Davi que caiu!

Vou remendar os seus buracos,
vou consertar o que se estragou,
vou reconstruí-la para sempre.

¹²Assim poderão conquistar
o que sobrar de Edom e de todos os reinos
sobre os quais o meu nome é invocado!

¹³Dias virão – oráculo de Javé –
quando aquele que está arando
vai se encontrar com quem está colhendo;
quando aquele que está pisoando uvas
dá de encontro com quem está semeando.

As montanhas vão suar vinho novo,
as serras estarão se derretendo de gordas.

¹⁴Vou acabar com o cativeiro do meu povo, Israel!

Eles voltarão a construir
as cidades que foram destruídas,
e nelas vão morar!

Vão formar lavouras de uvas
e beber do seu vinho!

Pomares vão plantar
e comer das suas frutas!

¹⁵Eu vou plantá-los na própria terra
e jamais serão arrancados novamente da terra
que eu mesmo lhes dei.
Falou Javé, o teu Deus!

ÍNDICE

<i>Pag.</i>	
1	<i>Apresentação</i>
3	1. <i>De volta para a casa</i>
5	2. <i>Os profetas</i>
7	3. <i>Julgamento à porta da cidade</i>
10	4. <i>Um pouco da história</i>
14	5. <i>A nova capital</i>
16	6. <i>Conversa de sacerdotes</i>
19	7. <i>À sombra da oliveira</i>
22	8. <i>À mesa do rei</i>
24	9. <i>A ovelha estraçalhada</i>
27	10. <i>Os ismaelitas</i>
30	11. <i>O confronto em Tersa</i>
36	12. <i>Betel</i>
40	13. <i>O dia do SENHOR</i>
44	14. <i>A lua nova</i>
50	<i>Epílogo</i>
51	<i>Livro de Amós, O profeta de Técuá</i>